



Versos de
impulso

Antônio de Brito Freire





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Versos de *impulso*

ANTÔNIO DE BRITO FREIRE



Campina Grande/PB

2024

F866v Freire, Antônio de Brito.

Versos de impulso ; Versos de pulso [recurso eletrônico] /Antônio de Brito Freire. – Campina Grande : LATUS, 2024.

272 p. : il. color. ; 15 x 21 cm ; 13.000 KB.

ISBN: 978-65-994-892-8-0 (Impresso)

ISBN: 978-65-994-892-9-7 (E-book)

1. Poesia Brasileira. 2. Literatura Paraibana. 3. Literatura Inspiradora. I. Título.

21. ed. CDD B869.1

Agradeço:

arão azevedo (grande irmão-parceiro),
cidoval morais, roberto faustino...

Dedico

aos que morreram, mas não corroeram essas páginas e aos que vivem e que se as corroerem saberão do sabor cuja mistura guarda um tempero, ora amargo, ora doce, ora salobre. Comam-me neste banquete de letras e versos-dispersos pois nele há minha pele, meus pelos, meus apelos infindáveis, meu sal, minha solidão, minha sede, minha fome e minha insônia... bebam e comam nesta fonte pois nela há meu suor, há minha labuta dos trabalhos e dos dias que levaram minha vida.

in memoriam:

de meus pais e meus avós e de seu antônio de areia...

aos irmãos, beto e adriano e às irmãs, socorro,
adriana, fátima e iolanda...

aos meus amores da vida inteira em ordem de nascença:
marcéu, gitá, vida e antônia...

aos amigos e amigas do peito...

para athena, hiago e aurora...

ao amor...

Sumário

Prefácio, 31

Versos de impulso, 33

Cantos, 35

O canto encantado, 37

canto de pé de ouvido, 39

canto da mãe de poesia, 39

canto do dono de tudo, 40

canto da vida dos teimosos, 40

canto de concentração, 41

canto ao amigo credor, 41

canto ao senhor, 42

canto ao pai, 42

canto da saudade, 43

Da política, 45

Dos políticos, 47

o voto dado, 49

os santinhos, 49

a visita demorada, 50

cadeia de bandidos, 50

somos cúmplices, 50

poema de merecimentos, 51

assembleia constituinte: a farra dos bichos, 52

abismo moderno de gripeiro a garimpeiro, 53

não tem mais jeito, 53

aí, 5 cabras de peia, 54

b17 ou btrêsoitão, 55

desmonte de celebridades, 55

o que sobreviver não serve mais, 56

o povo tem o que não tem, 56

glória governamental, 57

o supremo é supremo até diante do próprio supremo, 57

a revolta dos termos, 58

uma visão política sobre a gente, 58

na “minha” cidade, 59
a insensatez ganhou mais uma vez, 59
deus está indo embora do mundo, 59
conversa fiada, 60
a criação, 61
questões de números, 62
aviso aos governantes, 63
ele é louco por aquilo ali, 64
o olho inca, 64

De amor, vida e morte, 65

Viver o amor sob o olhar da morte, 67

a. M: entre isso e isto, 69
amar não é pra qualquer um, 69
o melhor cego é o que quer ver, 70
o problema do matemático amor, 70
bom conselho, 71
moradas amorosas, 71
o amor próprio é impróprio, 71
o dia em que deus deu sua tristeza ao mundo, 72
a dança do vem vem, 73
adesivo de si, 73
só vejo amor, 74
o dia em que sexo e amor se encantaram, 74
desde quando o susto de alguém vale a vida do outro? 75
a revolta dos guarda-sóis, 75
ninguém devia morrer, 76
a inevitabilidade da morte, 76
a inevitabilidade da vida, 77
a essência de tudo que faltava, 77
ninguém quer morrer, 77
tudo tem preço, 78
o amor é cego, mas é em vão, 78
se cada coisa fosse arte, 79
o amor perdeu-se dos amantes, 79
logo ali, 80
o amor wittgensteiniano, 80
obsessão intelectual, 81
ping pong, 81
amor também morre, 81
tempo a tempo, 82
a pena do capital, 82

ultrapassagem, 82
namorada, 83
se fosse, 83
3 pedidos de amor moderno, 84
em pesos e bebidas: em rodopio, 84
o que é é, o que não é não é e ponto, 85
viver é narcísico, 85
o tamanho do mundo da pessoa, 85
eu, minha paixão, 86
hoje é domingo, 86
o “descentro” indecente, 87
emprego, 88
o crime da elpídio de almeida: eliseu o lisão, 88
os emprestáveis versos de chico, 89
dezembro, 89
desconexão de ideias, 90
de onde sou, para onde vou? 90
suspiros profundos patéticos, 90
je suis a vida, 91
poemas de inverno: advertência de um deus, 91
o meu companheiro ficou com a dentista, 92
a via do de\$amor, 93
o amor tem idade, 93
até as pedras se espantam, 94
dosagem de vida, 94
ora direi, 95
matemática da vida inteira, 95
do calendário homicida, 96
o capitalismo engoliu o amor, 96
amor, 97
todo dia, tudo de novo, 97
refugiado amor, 98
dizer amor, 98

A voz da favela, 99

A voz na favela, 101

a boca, 103
os “matáveis”, 103
se fosse “noi” tava tudo morto, 104
fingimento qualquer, 104
o poder do comércio, 105
decadências de membros inferiores, 105

notícias de rua, 105
o homem foi para o céu mutilado, 106
lá nas malvinas daqui, 106
boca a boca, 107
o dia em que “arroi” pousou na terra, 107
pela luz de meio dia, 108
vidas perdidas, 108
de perto preto presta, 109
se dói aí, dói aqui, 109
na construção se viu, 110
a velha rixa, 110
no bar dos teimosos, 111
a voz de um pescador: “entreaspas”, 111
“feliz ano velho”, 112
lembra de mim, 112
o mote do riso atual é morte, 113
a voz da favela: “entreaspas”, 114
a voz da favela: “entreaspas”, 115
a voz da favela: “entreaspas”, 115
a voz da favela: “entreaspas”, 115
a voz da favela: “entreaspas”, 116
via do desassossêgo, 116
semiótica dos xingamentos, 117
ser franco, francamente, é questão de justiça, 118
na fonte do fio-do-triste-herói (na ponte do rio-niteroi), 118
Delírios de alma, 121
Delírio da alma, 123
distante outrora e agora, 125
a insondável alma humana, 125
diálogo impertinente, 126
a falta de alma pras exigências do mundo, 126
almas irmãs, 127
da maquiagem da alma, 127
casa de alma, 128
a prece, 128
dom quixote de la moto: “rodopio de arrepiar”, 128
dom quixote “de-la moto”, 129
na alma de cada um, 129
a tempo, 130
almas gemem, 130
sumiço sideral, 131
momento avatar, 131

das ponderáveis almas poderosas, 132
almas rezam e tremem de ódio, 132
Meu canil (pet shop), 135
Sobre a fidelidade dos cães, 137
dias de cão, 139
raça indefinida ofendida, 139
cão sem dono, 140
meu cachorro presidente, 140
meu cachorro São Paulo, 141
meu cachorro paraíba, 142
meu cachorro rio de janeiro, 143
meu cachorro amapá, 144

Da pandemia: versos de morrer e viver [ala vermelha], 145

Da pandemia, 147

aglomerações, 149
a pátria que te pariu, 149
tem armas, saúde não, 150
a pandemia é humana, 150
estação vazia, 151
o isolamento social já existe, 151
o desencanto de tudo, 152
a vida não tem idade: saúde pra todos, 153
ouviram do vírus só boatos, 154
extrovertidos infectantes, 154
lógica do investimento humano: cálculos de morte, 156
espelho perdido, 156
o vírus vai às compras, 157
as pessoas por debaixo do pano, 158
o monstro esteve lá em casa, 158

Dos poetas de versos ruins, 161

Poetas e versos ruins, 163

o parto do mundo, 165
lamentos de poemas, 165
vieirianismo, 166
o pesadelo da falta do que dizer, 166
um poeta por dentro: a “roça”, 167
o bom poeta, 167
um poeta por dentro, 167
poema de um falso suicida, 168
a palavra não manda recado, 169

a língua nunca envelhece, 169
o poema não pagou a conta, 170
poema de ilusão, 170
poemas alheios, 170
intrigantes poemas, 171
zombarias, 171
a família do poeta, 172
risos diversos, 173
a fofoca das letras, 173
poesia de cada dia, 174
os versos não são meus, 174
o vendedor de versos, 175
a minha letra é feia, 175
disputa de imortais, 175
arma é pra matar, 176
amor da vida inteira, 176
efêmero retorno, 177
desejo de grandeza, 177
o poeta infartou com as coisas das coisas, 178
poeta perdido, 178
embate poético, 179
o poeta impresso, 179
a vergonha dos poetas à mostra, 179
rima repetida, 180
naquele tempo, 181
o poeta “maluvidro”, 182
sem poesia tudo é uma merda, 182
as palavras não assustam, assuntam, 182
poema viúvo, 183
tirar pérolas de porcos, 183
quintaniano dúvidas, 184
outoniano com rilke, 184
poema besta, 184
diálogo desconexo sobre o nome, 185
entre a coisa e o conceito, 186
tudo pede na língua que fortalece, 186
poemas de inverno: advertência de um deus III, 187
a ansiedade, 187
amanhã, 188
quando ele chega, 188
os sonhos de cada dia, 189

a segunda mãe, 190
narciso cegou, 190
do fundo do poço, a candura, 191
estes tempos, 191

VERSOS DE PULSO, 193

Vozes da multidão de nomes, 195

De frente e de costas, 209

Versos de pulso, 211

não consigo “me desligar” do presente, 213
no meio da noite, 213
ciberdúvidas, 214
o lamento do violão e o desencanto do “rife”, 215
o romance de velocidade com o tempo, 215
desmerecidos do mundo, 217
de que adianta tanto sim e tanto não? 217
ninguém conhece ninguém: um romance alto astral, 217
o rico é uma rocha, só perde pra morte, 218
a mentira não tem pernas curtas, 218
entre heráclito e bauman, 219
lugar nenhum, 219
automóvel, 220
do antigo testamento ao novo testamento de bauman, 220
dos espíritos do dia e da noite, 221
depois de tudo isso, 221
o que nos olha, não é o que vemos, 223
dança do vento, 223
tudo corresponde, 224
tá pensando que sou o que? uma carteirada, 224
a m-água não corre só para o mar, 225
nada é nada neste mundo, 225
dúvida dolosa, 226
um dia desses, 226
o rico daqui não é rico é um miserável, 227
desalentados, desanimados, desencorajados, 227
homem brabo, 229
o frio conforme o cobertor sujo, 229
a justiça de anjos e demônios tarda, mas não fala, 229
poema da montagem e desmontagem de tudo, 230
rima em alta velocidade, 230

gente de circunstâncias, 230
sonho capitalista, 231
lugar ninguém, 231
notícias do patrão de cá, 231
o dia e a noite tudo tem, 232
correria, 233
every time, 233
algo após algo mais, 233
das tonturas humanas, 235
as vozes que ainda dirão, 235
da insônia, 236
verbos perdidos, 236
a casa de mãe joana, 237
a festinha de “reis”: da nudez do natal, 237
acho, 238
o celular, 238
deus, 239
o que fazer? 239
o relógio, 239
a ovelha desgarrada, 241
a ovelha agarrada, 241
adoração, 242
a tessitura de ter cintura: papel A4, 242
refletores, 242
das f(r)ases soltas, 243
quantos paus, 244
de dedo em dedo dado, 244
os nomes ganham nomes, 244
balas truncadas, 245
de que adianta perna, 245
tu, do nada, 247
quando, 247
primeiro de abril, 247
longe bem perto, 247
a ira de mim, 248
numa avalanche de coisas boas e ruins, 248
abduzido por si mesmo, 248
quero uma coisa, 249
o que posso dar? 249
adeus, 250
o tempo é estranho, 250

o inquilino do mundo, 250
a via crucis de um homem perfeito, 251
o perfume guardado não é pra venta de qualquer um, 253
nietzsche na via crucis da carne viva, 253
do jogo dos sonhos, 254
a depredação dos números, 254
tudo esvaziado, 254
porre narcísico, 255
vitamina oscarwildeana, 255
o sepultamento do pequeno burguês, 256
o mundo entristeceu com suas próprias coisas, 256
querem asfaltar o mar, 259
quanto vale o que não tem preço, 259
o fruto da árvore de cada coisa, 260
o dia em que dinheiro comprou o mundo, 260
o patrão e o trabalhador, sócios do capitalismo, 261
golWerme, 262
aqui na terrinha destrambelhada, 263
as 2 civilizações perdidas, 263
a oração da desilusão: a via do cruzamento, 263
cada um, 264
a justiça será feita, 264
a sala dos sonhos, 265
a viagem está ficando pronta, 265
anomalias modernas, 266
tudo pode acabar, 267
mãe-pai-nutella, 267
beleza é outra coisa, 268
o sol a sol da mulher e do homem do sol, 268
o SUS do público, 269
a toga do mal culposo em dois fatos, 269
de anjo a demônio, 271
a via dos estúpidos, 271
testamento, 271
a briga do sim com o não, 272
ninguém é livre preso a tantos “ninguéns”, 273

Sobre o autor, 275



Prefácio

Se esses versos-dispersos emergiram de pulso a impulso, então, não são percursos de significantes isolados porque cada pulsar fez-se impulsor de um significado pulsante de corpos dantes paralisados por referências fossilizadas e petrificadas. Se são das imagens as palavras e se as palavras são das imagens, portanto, as duas, palavra e imagem dizem muito mais através de versos-dispersos, o que deixa a desejar porque desejo que se preza vem à tona para dilacerar sentidos diversos mesmo que dispersos, mas se o desejo imbrincar-se apenas em vias de despejos memoriais não tem sentido existir, embora esse desejo mumificado lute para co-existir porque é mister arranhar-se em ranhuras da lida do dia a dia no que foi e no que virá.

Os versos de impulso são multidões e dizem mais do que suas pulsações significativas em sinônimos cujos pulsos pulsam além de sua pressa ou vagareza diante das coisas que compõem ou decompõem a cadeia significativa da vida que há em cada coisa de cada coisa já coisificada ou não.

Versos de Impulso e pulso, traduzem a revelação de um corpo ora móvel, ora inerte de versos-dispersos entre si que se desencontram e que suam duro para fazer soar significâncias úteis e que por isto podem dilacerar-se em versos de impulso, em abundância, sem planejamento. Se ruins ou bons, não importa, são versos e versos vivem por si sós mesmo que combinem com seus pares para se constituir enquanto poesia ou enquanto poema.

Já a lógica que movimentava os signos de *Versos de Impulso e pulso* desdiz e confirma a criação nessa via de mão dupla que impac-

tua-se com um olhar que não é pré-elaborado e crítico que vai e vem na gangorra literária do manual das tradições. Por isso mesmo, não seria apenas um percurso que daria a face a bater ao livro para a partir daí doar os dois lados da mesma moeda em lamentos oriundos de escritas e oralidades.

Versos de Impulso e Pulso traduzem duas moedas para uma mesma face porque interpreta a desconstrução de um percurso presentes a distanciar a matéria inteligível do material visível que compõe a coisa implícita na coisa explícita que cada coisa significa em cada coisa do mundo de cada coisa.

Sobre as imagens que ilustram os livros, talvez almejem, em sua ingenuidade técnica, passear, no mínimo, por um dos 3 paradigmas apontados por santaealla e north em seus “modelos ou divisões, cada qual com suas características técnicas, teóricas e práticas”. Para ambos, “a ideia é clara: a imagem como tudo que envolve o homem, evolui”.

Todos os versos-dispersos que compõem esses percursos de impulsos a pulso verberizam os sentidos inversos e avessos e por mais dispersos que os versos sejam entre si, foram esses versos-dispersos-inversos-avessos os geradores do caos que disseminou certa des-ordem na incerta des-construção das des-significações que compõem o universo da partitura e da gramatologia que desencantam ou encantam a ilusão significativa da realidade vivida e morrida por cada ser que caminha por cada verso.

Portanto, as imagens que ilustram os livros são frutos de experimentos de minha mais ingênua artisticidade. Elas são de sangue, suor e choro porque nasceram num momento de desmanches humanos, num momento em que a vida que me deu vida estava morrendo bem a meu lado, por isso, surgiram da infantilidade artística de uma criatividade ainda tenra. Peço perdão aos pintores de casas, de telas, de panos e de papéis pela minha ousadia de misturar cores e coisas, peço perdão aos poetas, de vozes e escritas, de bandeiras a barros, pela minha teimosia com as palavras.

Versos de impulso



Cantos



O canto encantado

De quando a cantilena deixou de ser lamento apenas musical para confirmar-se como uma espécie de modalidade de composição “cantada pelo povo”. No sentido mais simples seria uma espécie de queixa monótona e repetida que soa em torno de tantas e quantas temáticas humanas.

O canto perdeu seu encanto para transformar-se em xingamentos ou assédios, mas bem que o canto poderia voltar ao medievo para retomar sua estirpe de curta composição “cantada pelo povo” ou provavelmente por “soldados” que não estivessem apenas colados a fardas, armas, coturnos, carabinas ou cassetetes que servem para entoar apenas um canto de guerra e dor para quem sente no lombo a dor da opressão.

O canto encanta no silêncio ou no barulho, quando em si, não é tardio perto do murmúrio que do mundo emana. O canto falou, fala e sempre falará por si, porque o canto é associação de ideias musicais que para tantos ouvidos ultrapassam outras fronteiras do sentido que emana do próprio desencanto de não saber ouvi-lo. Ele é, entre tantas coisas, uma espécie de expressão do pran-

to mais íntimo que migra do viés espiritual ao material. Do canto da própria alma, que em silêncio regozija-se com o saber mais profundo do que comumente se entende por canto, emana outros cantos sagrados e profanos.

Canto é o ato de produzir sons musicais num canto qualquer do mundo utilizando a voz ou instrumentos que podem variar de altura conforme a melodia e o ritmo da vida de cada vida cantante.

Aquele que executa o canto cantando dentro do seu próprio encanto pode até ser chamado de cantor ou tocador, mas o encanto maior do canto está em ser produzido ou de modo solo, ou em duetos, ou em trios ou em quartetos ou mesmo em multidões para fazer valer, sobretudo, a força da solitude ou da multidão que pode se aglomerar para fazer valer a força do canto coletivo.

O canto é uma categoria da força da voz humana e dos instrumentos que também habitam ou imitam os assovios, os grunhidos em gritos de animais que cantam para espantar agouros ou para encantar o sentido em suas trajetórias existenciais entre a fauna, a flora e o fruto.

Do canto se ouve o pranto de tribos florestais ou urbanas que se desdizem, se compactuam e se lamentam destes desdizeres mútuos que ora se encontram formando uma orquestra linda e ora se desencontram e fazem soar seus lamentos em torno do amor e do ódio que disputam o barulho humano emitido pela vida afora.

No canto estão beirando aglomerações orquestrais do instrumento com a voz humana, os quais independem um do outro para seus cantos, mas que juntos formam a mais bela harmonia humana. Daí o canto de guerra e o canto de paz e sobre os dois cantos, o mundo com seus encantos.

canto de pé de ouvido

escuta as vozes
de um cotidiano qualquer,
em tempos escorregadios
egos são pegos por um tostão qualquer,
foge para o aconchego do abraço
e lá, passo a passo,
brinca e dança com tua efêmera semelhança.

canto da mãe de poesia

nenhum verso dela
foi planejado,
todos nasceram assim,
uns tortos,
outros abortos
e outros tão soltos
em des-belezas de boca em bocas,
suas estrofes em rimas
não se uniam

e divergiam em caminhos e alvos,
seus mais fiéis amantes
eram do porte de dante,
iam e vinham de infernos a paraísos,
eram da sorte de dom quixote, “el ingenioso hidalgo”,
poesia sempre foi assim,
“nem carne nem peixe”.

canto do dono de tudo

a fome
é do homem,
o pão
é do homem,
a fome,
o pão
e o homem
são de um
só nome
de um
só homem.

canto da vida dos teimosos

à luz da lua e das estrelas,
os teimosos reconstroem tudo,

mas esperam atordoados
pelo raiar do sol
que virá com máquinas, fardas e coturnos
sob o olhar imparcial de deus.

canto de concentração

no canto do peito
há um jeito de enfrentar o dia,
no canto dos olhos
um silêncio pestaneja,
no topo do cérebro
há uma lentidão idônea duvidando de tudo.

canto ao amigo credor

amigo,
espere um pouco,
meu troco foi tomado
e meu conforto ruiu,
amigo,
sou do bem,
mas sem vintém
não posso lhe pagar,
amigo,
não sou de intriga

e nem de briga
e a dívida?
espere, vou quitar.

canto ao senhor

senhor, não tenho costas largas
e as pancadas afetam ossos,
nervos, músculos e dói no dorso,
senhor, não tenho pistolão
e de minha pistolinha só sai bolas de sabão,
senhor, não tenho peixes ornamentais,
tenho apenas piadas orçamentais.

canto ao pai

meu pai,
nosso pai,
pai do mundo,
pai que aqui está,
pai que já se foi,
pai que tem história,
pai que dá,
pai que recebe,
pai meu, pai teu,
pai crente e pai ateu,

pai do suor, pai do trabalho, pai da preguiça,
pai de santo, pai de padre,
pai da teoria, pai da agonia,
pai do pai, pai da mãe,
pai da avó, pai da bisavó,
pai da esposa, pai da amante, pai da namorada,
pai de amigos e inimigos,
pai de tudo, pai vagabundo,
pai, painho, papai, paizinho, paizão,
pai que encantou e desencantou,
pai palhaço, pai plateia,
pai do riso e pai do choro,
pai da esperança e pai do agouro,
pai, meu pai, nosso pai.

canto da saudade

saudade

dos amigos que desejavam bens e sucesso,
que tocavam instrumentos
e cantavam lindas canções,
que acendiam a fogueira
com paus e almas
e varavam noites
com boas prosas e ótimos versos.



Da política



Dos políticos

Os políticos com suas “futricas” estúpidas, aberradoras e vergonhosas nada acrescentam ao povo: nem dignidade, nem queijo, nem pão, nem leite, nem feijão, nem arroz, nem livros e muito menos respeito e cultura. Os políticos são poços sem fundos que afundam seus representados que envelhecem com impostos impostos por cada segundo de vida, mesmo que estes segundos de vidas cheirem mal, surgem pés e mãos num nasce e morre sem fim.

O povo vive dentro de um circo indigno de um show de qualidade e de teto sem lonas para cobrir-lhe o que a vida descobriu o tempo inteiro. “Tomara que chova” para o espetáculo se transformar num lamaçal e emporcalhar seus uniformes limpinhos, branquinhos e passadinhos pelas domésticas negras e brancas sofridas e humilhadas e maltratadas.

Os políticos não dão nada ao povo e nadam em privilégios que dão a si mesmos e a seus parentes e aderentes. Os políticos bem que poderiam estudar profundamente Aristóteles desde sua “Po-

ética” até uma crítica à “República” de Platão em seus dez livros, mas não o fazem, e leigos se elegem e se vangloriam de ultrapassarem a linha do horizonte que distrai a todos.

Homens e mulheres deveriam ser mais dignos para olharem os políticos em suas dimensões pessoais para serem passageiros de uma confiança única na cidade e na vida de cada um.

O mundo está dividido entre pobres e ricos, os ricos, os imortais do capitalismo e os pobres os mortais mais banais do dia a dia, sempre escravos deste mesmo capitalismo que é divisor dos níveis de vida da gente que habita o mesmo mundo e precisa sempre do mesmo conforto para ser mais humano e menos sobrevivente.

Os políticos dividiram o mundo entre seres que vivem o mundo em suas benéficas e seres que sobrevivem para pagarem água, luz e a escassa e péssima comida, sem ao menos, chegarem perto do consumo de livros, de viagens e de roupas de marcas.

Os políticos criaram leis distantes do cotidiano da maioria preta que anda ou pena pela terra toda. A desigualdade mata, aprisiona, estabelece a fome, instaura o assalto, conduz à prostituição, ao latrocínio e tudo mais de pior.

Os políticos que nós elegemos não nos dão respeito e cada dia perdemos mais nossos direitos humanos mesmo que não sejamos humanos que caminham direito de acordo com as leis e a honestidade.

o voto dado

não voltará,
não baterá na tua porta,
não entrará mais em tua casa,
nem tapará tua boca, talvez, com cédulas ou moedas
ou mais tardar
com panos sujos de ambos,
o voto dado
sumirá vez por outra,
mas reaparecerá fortalecido em tua fraqueza.

os santinhos

caídos pelo chão
já não voam
para o céu,
perderam asas
e por ruas,
avenidas e vielas
bolam ao léo.

a visita demorada

os ricos se afastam
por 4 anos dos pobres,
depois voltam sorrateiramente
para comprar votos
em postos,
em esquinas,
em becos,
após desmoralizar os pobres
eleições após eleições,
os ricos somem novamente.

cadeia de bandidos

um bandido disse: eu incito, vai lá!!!
outro bandido disse: eu banco, toma!!!
outro bandido disse: eu divulgo e chamo, vamos!!!
outros bandidos foram lá
invadiram, depredaram
e roubaram nosso patrimônio em nome de uma falsa pátria.

somos cúmplices

na primeira vez
falaram mal do comunismo
e não “quebramos” a cara deles,

na segunda vez
falaram mal do socialismo
e não “cortamos” a língua deles,
na terceira vez pediram intervenção militar
e porque não fizemos nada,
invadiram nossos três poderes,
depredaram nosso patrimônio
impondo terrorismo e fascismo
e porque não fizemos nada
somos também cúmplices.

poema de merecimentos

todo mundo precisa de comida
pra não comer a carne alheia
nem roer os próprios ossos de ofícios oficiosos,
todo mundo precisa se vestir
pra não atentar, nu, contra o pudor vestido,
todo mundo precisa se divertir
pra não infernizar a vida de outrem com tristezas infindas,
todo mundo precisa de salário
pra não mendigar “mendigagens” sociais
nem roubar o céu que tá longe até de deus.

semiótica do “ou seja”

seja carne ou ovo,
seja dia sim ou dia não,
seja peixe sábio ou eleitor burro,
seja menino azul ou menina rosa,
seja mar de piche ou mar de óleo,
seja agrotóxico ou queimada,
seja barragem estourada ou barragem restaurada,
seja laranja ou laranjal,
seja polícia ou milícia,
seja índio ou boi,
seja arrouba ou grama,
seja escravo ou capitão do mato,
seja ministro ou sinistro,
seja isso ou aquilo, não importa, o portal foi destruído.

assembleia constituinte: a farra dos bichos

um farfalhou de nós
visando sangue frio e quente,
outro azurrou confuso olhando para o nada
pois nada sabia fazer,
de repente houve uma gargalhada
e uma luta de estourar ouvidos
com aquele que grasnava espreitando a carniça,

o que tava com faixa presidencial assobiou fino
com malícia irreparável
e olhou sem dó para o que tomava decisões orneando feliz,
de súbito o que grassitava ficou todo sem jeito,
beijou a boca podre do que guinchava
e fez um amor sujo com o que trissava.

abismo moderno de gripeiro a garimpeiro

morre índio
com fome e doente,
corre garimpeiro
com fome, desempregado
e também doente,
no porre, o algoz dos dois
vive cheio de vida e de farturas
e assiste de camarote
a presente desgraça
lá das alturas.

não tem mais jeito

o mal veste verde e amarelo
e conduz nomes adorados nas costas,
se cobre com a bandeira nacional,
entoa hinos de independências,

reza de joelho em asfaltos
e
banca com proteínas o mal dos malvados,
o mal defende a família, a lei
e
diz que deus está acima
da sina de quem espalhou o mal
que corre solto
rua após rua,
beco após becos
e em avenidas inteiras,
não tem mais jeito,
o mal agora é nosso parente.

aí, 5 cabras de peia

aí, 5 homens de vergonha
deem um jeito nestes tontos desavergonhados,
aí, 5 cabras de peia, resolvam a parada num bote só,
aí, 5 vingadores peguem pelo saco
+ 2 que metralharam nossos telhados
matando franco mandato,
aí, 5 cabras, 4 anos não passarão rápido
com os crápulas rondando nossas coisas.

b17 ou btrêsoitão

aqui negro mata negro,
ministro de meio ambiente
é processado por crime ambiental,
tem cocaína em avião presidencial,
tem matador diplomado em assembleia,
tem força-tarefa que é fossa-tarefa,
tem lava-jato que não lava nem panos sujos,
tem ministro da educação mal educado,
aqui o boi vale mais do que o índio,
do que a mata,
do que os bichos,
aqui, deus é um idiota cruel
e jesus, um medíocre que estrangula o amor,
bem vindo, aqui é o cu de um mundo imundo.

desmante de celebridades

roubaram o governo de dilma,
prenderam injustamente lula,
desmoralizaram paulo freire,
negligenciaram marilena chauri,
zombaram da grandeza de joão gilberto,
falaram mal da luta de chico mendes,
descredenciaram professores

e metralharam marielle,
das ruínas das celebridades do povo
se ergueram os canalhas.

o que sobreviver não serve mais

aí, imbecil, maldito das armas,
de tua birra estúpida,
de tua arrogância,
o homem é carbonizado,
a criança e a mulher estupradas,
os bichos vão às cinzas
e de tua vã e bizarra vitória,
só sobrarão cinzas,
ferros velhos, pedras e tijolos desconectados,
o que sobreviver de tua ação, maldito,
não serve mais pra nada.

o povo tem o que não tem

o povo não tem casa, tem o mundo,
não tem carro, tem pernas,
não tem mulher nem homem, tem solidão,
não tem irmãos, tem estranhos,
não tem pai, tem padrasto,
não tem mãe, tem madrinha,

não tem dinheiro, tem cifras,
não tem emprego, tem ocupação,
não tem saúde, tem pandemia,
não tem filhos, tem enteados,
não tem direção, tem rumo,
o povo tem o que não tem.

glória governamental

tiros e facadas
são fichinhas
perto dos bois de açougueiros,
tiros em músico,
vereadora metralhada?
perto dos “bois” brasileiros
são conversas furadas.

o supremo é supremo até diante do próprio supremo

o supremo desliga aparelhos,
prende,
solta,
convoca,
escuta,
impede,
descobre,

encobre,
condena,
absolve,
impede candidaturas,
usa toga,
o supremo é supremo até diante do próprio supremo.

a revolta dos termos

ativista é fascista?
presidente é racista?
educador é mal educado?
doença grave é doencinha?
os termos vão se revoltar e quebrar a cara de falantes.

uma visão política sobre a gente

tanta gente que é gente
não é gente pra muita gente,
tanta gente que é tanta gente vive dia a dia
como se não fosse gente,
mas como indigente descarinhado
e indecente desabraçado,
tanta gente morre e nasce
diante de tanta gente
que é gente como a gente,
mas não é agente de nada.

na “minha” cidade

política é negócio de partidos,
voto se vende
e eleição é pra benefício pessoal,
na “minha” cidade,
moral é morar em curral
e mungir com o “cu na lima”,
a “minha” cidade masca há décadas
a mesma goma sem açúcar e sem sabor.

a insensatez ganhou mais uma vez

ontem por ruas e esquinas
espezinhei santinhos
que caídos do céu pareciam até bonzinhos
rindo em bocas largas,
os santinhos caídos do céu
prometiam coisas boas para
quem vestia a rigor seu título eleitoral.

deus está indo embora do mundo

deus andava nu por cômodos,
teve vergonha e escondeu-se,
deus sorria de mínimos detalhes,
mas não sorria de desgraças

e escondeu dentes,
deus dançava pelos 4 cantos
poluídos de desamor
e ficou descoreografado,
deus está indo embora
e o mundo ficará mais feio sem ele.

conversa fiada

casca de ovo não tem vitamina,
tua sina é comer e beber?
farinha?
só se for de milho ou de mandioca,
gema de lazer,
clara dá prazer?
casca de banana engorda
e faz crescer?
é adubo não degustável, imbecil,
cascatas doces derrubam até avião,

cai, cai no chão!
palmas, palmas, palmas!

são aplausos entre nós, amém,
entre bichos é comida,
bravo! bravo!

pão de trigo, pão de ló, pão de gergelim?

sim! sim!
pão de farelo?

não! não!
chega de gororobas
e de conversas fiadas,
bota o banquete.

a criação

com mágoas

deram-lhe coração hipertenso,
com imagens de miséria

deram-lhe um jeito de olhar o mundo,
com cheiro de podre

deram-lhe olfato alheio a bons gostos, mas movido a desgostos,
deram-lhe um paladar para lixões

com sangue, suor e biritá,
com palavras mal ditas e arrogantes

deram-lhe as primeiras vozes,
com solavancos, tapas e pauladas

deram-lhe movimentos tensos
de mãos, braços e pernas,

deram-lhe passos com ritmos descompassados
para pular esgotos a céu aberto
com pés descalços e barriga de bactérias,

aí vem a criação
feita de maus-tratos e judiação,
solta pelas ruas pisando e esfolando,
a criação maltratada
encantou-se com roupas, carros,
celulares, relógios e tênis,
mata por qualquer reação
e revoltada com termos fúteis
arranca línguas e orelhas,
toma tudo de todos
e foge infringindo muros
do criador que tenta reeducá-la
com algemas, grades e balas,
mas é em vão,
aí está a criação para sempre.

questões de números

no dia 26 de abril de 2010,
na capital paraibana,
1 homem faminto pulou 1 muro
para roubar 1 cacho de bananas,
o medo de 1 flagrante
fez o ladrão de banana perder 1 dedo nas farpas de 1 muro,
sorria o repórter,

ao dá a notícia,
sorrisa a dona do muro
e todos sorriam da desgraça de 1 ladrão de bananas
que levou a penca, mas deixou os dedos.

aviso aos governantes

de tanto andar a pé, seu mané,
uma noite dessas
vou entrar em sua garagem e quebrar seu carro caríssimo,
de tanto frio, seu imbecil,
vou adentrar seu quarto,
quebrar seu guarda-roupa
e tomar todos os seus lençóis e casacos acumulados,
de tanta fome, seu infame,
vou dar bicudos em sua geladeira e levar coisas vencidas,
de tanta sede, “seu” parede,
vou pular seu muro e furar sua piscina para a água correr para o rio,
de tanta insônia, seu pamonha,
uma madrugada dessas
vou estourar seus ouvidos com gritos estridentes,
você pode me matar ou me prender,
mas estará vingada a injustiça da vida inteira.

ele é louco por aquilo ali

ele endoideceu dizendo que era dali,
todos olhavam para ele como se fosse dali,
ele endoideceu dizendo que era dali,
amanheceu ali,
entardeceu ali,
anoiteceu ali,
jurava que era dali,
não sabia dizer outra coisa,
só os loucos entendiam que ele era dali
porque endoideceu crendo que era dali.

o olho inca

se a voz do povo era a voz de deus,
agora deus deu pra falar pelos cotovelos
sobre as coisas da escassa voz do povo,
se a vez do povo era a vez de deus,
agora o povo deu pra vender sua vez
e a vez de deus foi ficando cada vez mais cara.

**De amor,
vida e morte**



Viver o amor sob o olhar da morte

De amor, de vida e morte se compõe o ser humano que em sua magnitude de super ser humano ou demasiadamente humano, como conferiu Nietzsche, sobre a grandeza e pequenez humana, não se arrasta, voa sobre tudo e todos e o universo se torna uma espécie de porto de passagem para o conhecimento de sua grandeza.

De amor, anda-se lado a lado em aventuras e desventuras de uma pessoa para outra.

De amor recarrega-se a bateria orgânica para manter-se vivo e encantado. De amor sofre-se por não se saber amar ou por se saber amar em demasia, mas ao jeito de cada um com divergência individual. Por isso o amor tem sido fugidio porque não cabe em si nem em ninguém.

De vida nem se fala, dos poros aos pelos, há vida em tudo, há vida em outros planetas, há vida extraterrestre, há vida além da

vida e tudo se movimenta como que mobilizado por uma consciência qualquer, nada cai em vão, nem à toa, nada voa em vão nem à toa, vivemos em busca constante desta força que emana de atos e ações nas coisas que nos rodeiam, tudo tem sua física, sua química e sua gramática específica e tudo existe como é para que possamos existir também.

De vida o mundo tá cheio, lotado, ver-se nos olhos das pessoas, nas roupas que vestem e nas cores que escolhem para abrilhantar seu dia e suas aventuras cotidianas.

De morte, o mundo tá empestado, em valas, em covas e por ruas a fios, tudo converge para a morte do ser humano, tudo converge para o fim de quem cria o início, a mulher, o homem e tudo que vive na terra e que está prestes a sucumbir a exemplo de algumas espécies que por ânsia da própria morte e de toda a sua sombra somem pouco a pouco. O pouco que resta do vivo que aqui ainda está, pouco se ver de vida.

a. M: entre isso e isto

antes de mim,
era isso,
depois de mim,
é isto,
entre isso e isto,
um ego alucinado.

amar não é pra qualquer um

amar é coisa de berço,
é coisa de colo,
é coisa de rede,
é coisa de cama e banho,
é coisa de reza,
é coisa de poesia,
é coisa de canção,
é coisa de livro,
é coisa de instrumento,

é coisa de candura,
é coisa de comida,
é coisa de bebida,
quem sabe amar é porque foi criado com coisas do amor.

o melhor cego é o que quer ver

tá vendo este ferro velho?
tá vendo este alumínio?
tá vendo esta bateria?
tá vendo esta borracha de pneu?
tá vendo esta fralda descartável?
tá vendo esta latinha?
tá vendo este vidro?
tá vendo a gente?
a gente vai morrer
e tudo isso vai ficar.

o problema do matemático amor

o amor
é um matemático diário,
soma e diminui afetos e desafetos,
divide e multiplica sentimentos bons e ruins.

bom conselho

neste dia tão lindo,
não mate flores,
dê flores de plásticos
ou leve seu sagrado amor
a um jardim bem florido
e perfumado.

moradias amorosas

as casas que moram
nas ruas dos rios,
riem juntinhas com o sol
e se acariciam em telhados e paredes
com cheiros e cores da primavera,
mas quando é inverno desmoram
e se separam abruptamente ribanceiras abaixo
e nunca mais se encontram.

o amor próprio é impróprio

quando os cuidados
transbordam apenas sobre si mesmo,
é impróprio
quando o tempo é seu próprio ritmo,
é impróprio

quando cabe apenas em si,
o amor próprio
é impróprio e arrogante,
amor próprio não existe
porque não resiste a si mesmo.

o dia em que deus deu sua tristeza ao mundo

o mundo sorria,
as pessoas brincavam,
tinha peixe em abundância,
tinha aves e árvores por todo canto,
tinha bichos sem espantos,
até que um homem
matou outro homem
que matou uma mulher
que matou outra mulher
que matou uma criança
que matou um bicho
porque comeu uma árvore,
deus vendo tudo
deu sua tristeza ao mundo.

a dança do vem vem

a morte e a vida
se encontram no mesmo tempo
em que se desencontram,
mas ambas são da terra,
do ar, da água e do fogo,
uma porque vem,
outra porque também vem
e nesse vem vem
destas imortais
ninguém escapa
de chegar e de partir.

adesivo de si

a vida é suja
em seu jogo duro,
mas é limpa
em suas sutilezas,
no jogo sujo da lida,
ninguém cuida de ninguém
na mesma medida
em que ninguém cuida de si.

só vejo amor

as mães de todas as mães,
mesmo mães dos filhos das putas,
são minhas mães
e sofro com nossas crias,
os pais de todos os pais,
mesmo pais dos filhos das putas,
são meus pais
e sofro com nossas crias,
os irmãos de todos os irmãos,
mesmo irmãos dos filhos das putas,
são meus irmãos
e sofro com nossos parentescos.

o dia em que sexo e amor se encantaram

na mistura de encantos com espantos,
sexo tirou a roupa, beijou vaidosamente amor na testa e sussurrou,
vem, desnuda-te,
deixa-me entrar poros a fios em ti,
com mãos trêmulas
e membros concentrados
sexo exibiu-se,
inflou peitos,
balançou cabelos,

empinou bunda,
mas quando deu por si, na sua exibida ilusão,
o amor já não estava ali.

desde quando o susto de alguém vale a vida do outro?

um maldito surtou fazendo miojo
do último andar de um andar qualquer,
lá de cima, o filho de escadas e elevadores
jogou um botijão de gás
na cabeça de quem se arrastava aqui embaixo.

a revolta dos guarda-sóis

os guarda-sóis não mais guardarão o sol
porque passaram a guardar gente morta
como mercadoria estragada,
na encruzilhada mercadológica
está instituído o desrespeito ao próximo.
mundo sem dono
gente mata gente,
mata bicho,
mata mata,
mata rio,
rouba coisas de gente
e bebe suor de gente.

ninguém devia morrer

éramos milhões
e na guerra familiar
alguém sobreviveu,
conhecemos a fome,
mas aprendemos a enganá-la com Mcdonald´s,
fomos à lua, mas ainda navegamos por ruas esburacadas
com esgotos a céu aberto.

a inevitabilidade da morte

pode ser atleta,
ocioso,
faminto,
fastioso,
rico,
paupérrimo,
ébrio,
sóbrio,
pode ser só
ou bem acompanhado,
pode ser bem pago
ou explorado,
pode ser professor
ou aprendiz,

não adianta, “quando a indesejada” chegar
tudo se partirá em ir e ficar.

a inevitabilidade da vida

todo tipo de dor,
de riso,
de desgosto,
de querer,
de vida,
porque viver é inevitável
com sonhos
ou pesadelos.

a essência de tudo que faltava

engole-se a vida
crendo em deus ou no diabo
ou negando a ambos na sua fome.

ninguém quer morrer

ninguém, calma,
a vida é longa,
nada é breve,
nem mesmo as coisas leves,
ninguém, calma,

morra não,
ninguém quer morrer.

tudo tem preço

o amor vale ouro,
o abraço, tesouro,
o sorriso, prata,
o aperto de mão vale medidas,
o beijo, eras,
o ódio, bronze.

o amor é cego, mas é em vão

o amor arrebatava a alma,
arrebenta a calma,
arrebata a ventura,
atormenta o olfato,
o amor é cego,
mas não é em vão,
traz a solavancos,
faz correr pontapés afora,
o amor é lindo, é pleno,
o amante é findo, é plano.

se cada coisa fosse arte

se de cada coisa
cada coisa
fosse uma coisa de arte,
se cada coisa
em sua dança
puxasse uma coisa após outra coisa
e tudo fosse uma coisa só,
alegria, alegria,
no salão de festas,
há muitas coisas para se ver.

o amor perdeu-se dos amantes

disseram que o amor estava moribundo num hospital,
os amantes correram desesperados para visitar o amor,
mas o leito já estava vazio
porque o amor estava saudável e longe,
disseram que o amor estava preso,
os amantes fizeram filas e mais filas para visitas íntimas,
mas o amor não estava nas celas,
estava solto, sobrevoando o mundo,
disseram que o amor estava numa escola,
os amantes correram, consultaram professores e alunos,
mas o amor havia faltado a aula

porque a prova final era sobre saber amar,
disseram tantas coisas sobre o amor
que os amantes perderam o prumo e o rumo.

logo ali

há um jardim cheio de querubins,
vem querida,
vamos andar sobre as ilusões de mãos dadas,
logo ali há um abismo profundo,
vem meu amor
atravessar o perigo até o outro lado do riso,
logo ali há um tesouro,
vamos pegá-lo a quatro mãos e dividi-lo entre dedos,
logo ali há um sonho,
vamos acordar juntos para continuarmos outros sonhos,
logo ali há o amor,
vamos abraçá-lo e fazer dele, pele de nossa pele.

o amor wittgensteiniano

o amor é algo estranho,
desconhecido e sem conceitos,
o amor é sensível e verdadeiro
e nunca é o derradeiro a saber de nada,
o amor é uma coisa estranha
e parece não ser deste mundo.

obsessão intelectual

não tiro olhos de ti,
durmo contigo na cabeça,
acordo de sobressalto
contigo em mente.

ping pong

casa,
causa do céu aberto,
céu aberto,
causa do frio,
frio,
causa do aconchego,
aconchego,
causa do calor humano,
calor humano,
causa da sinceridade,
sinceridade,
causa de amar.

amor também morre

tem sentido
lacrimar ódio esparramado por pai e mãe?
sorria para festejar a ira fútil que não é tua,

vem agora
rir comigo
pois há motivo alhures dia inteiro.

tempo a tempo

há tempo para amar a tempo
o tempo que corre no tempo de nossas vias
no tempo de tempo esmo
de nossas veias viárias.

a pena do capital

maria
com belos cabelos
e com sua mania de ilusão
mordeu a maçã
pensando em dinheiro e se envenenou com o capitalismo
e comprou e vendeu alma e corpo.

ultrapassagem

por mil vezes
atirei o pau no tempo
em vultos
e em incontáveis multas
pela ultrapassagem para ir aos signos.

namorada

na morada,
namora,
n´ amora,
n´ amor,
amor
amo.

se fosse

se o mal
fosse a porta de entrada e saída
para o bem,
se o ódio
fosse o pódio do amor,
se a traição
fosse a ponte para a fidelidade,
se a dor
fosse analgésico
para alívio do sofrimento,
se a saudade
fosse um transporte
para a distância,
se o mal
fosse apenas uma maquiagem do bem,

se o diabo fosse
um anjo de deus,
se a morte
fosse a vida de outra lida,
se você fosse deus.

3 pedidos de amor moderno

por favor,
me exclua da sua rede,
se preocupe com as contas,
mas não cancele a internet.

em pesos e bebidas: em rodopio

pesaria a calma contigo,
pensaria na alma,
balançaria meu corpo
contigo,
aprenderia nada
contigo,
sofreria tudo
contigo,
gozaria vezes
contigo
e olharia

lado a lado
contigo.

o que é é, o que não é não é e ponto

amor,
andas do lado
do labirinto que é o outro
em ruas, vielas e avenidas,
amor,
não te machuques
pois choque maior é temer a verdade,
veja quantas pedras em nossas mãos
e nossas mãos suplicam
na palma dos vãos tormentos
a calma dos bons momentos.

viver é narcísico

quem seria eu
nos olhos que através de mim fitam meu mundo?
seria uma perdida alma sem calma
num encontro de acertos e desacertos comigo?

o tamanho do mundo da pessoa

a pessoa abre braços,

abre corpo,
abre bem os olhos,
abre pernas,
abre boca,
abre ouvidos,
mas a pessoa é magoada do tostão ao cristão.

eu, minha paixão

quando te vi me vendo
me apaixonei por mim
e joguei fora a camisa do medo
para deixar músculos à mostra.

hoje é domingo

hoje é domingo,
faz-me cócegas daquelas da infância em que o riso dobrava,
ha, ha, ha, ha
oferece-me um gole grego em dedal com bom vinho
em delírios corporais
e vem abraçar-me de pés à cabeça num aperto de excitar,
hoje é domingo,
diz-me a palavra dantes nunca dita, porém bela e instigante
aos ouvidos, à língua e ao corpo todo,
hoje é domingo,

toma minhas mãos e leva-me a um lugar não comum a mim,
porém aconchegante à alma e necessário à calma,
hoje é domingo,
beija minha boca e olho no olho olha íntimo em mim.

o “descentro” indecente

eis-me aqui
“descentro” de mim
e indecente imagem de ti,
margem de ti,
maldade de ti,
bondade de ti,
eis-me aqui
lapidado por dedos teus
para sentir sede-fome-frio,
eis-me aqui,
sopro de teu pavor,
mas se soffro,
és minha dor
e se me alegro,
és meu prazer,
eis-me aqui parte de ti e imagem de ti.

emprego

em-prego,
em-pr-ego,
mãe, não sofra porque não fui,
sou vulto que a história cuspiu e pisou,
mãe, não sinta saudade se eu não voltar,
sou passageiro de uma ida sem volta,
de uma despedida sem reencontro,
mãe, não chore por mim,
minha pele calejada aguenta firme até amanhecer,
mãe, não lamente meu de-sempr-ego,
sou fruto de seleção rara,
mãe, não resmungue por meu emprego,
ele é parte do meu ego.

o crime da elpídio de almeida: eliseu o lisão

eliseu
tava num liseu de dá dor,
liso batendo
foi ao açougue
para comprar carne,
mas deu sua própria carne em sangria
porque queria dinheiro e celular,
ao invés de carne,

queria um prato feito, um pf,
eliseu alisou a testa e avisou alto: é assalto!!
ao invés de pagar foi apagado por 1 pf que estava na fila.

os emprestáveis versos de chico

se gritas
palavras febris,
se não guardas segredos ardis,
se a lei te machuca em degredo,
se és filho de sombras e neto de porões,
se fazes assalto?
és desprezo, horror,
és nocivo “bandido infeliz”.

dezembro

dezembro aí assim
e ele ali
sem “din din”,
dezembro aí assim
e ele lá
sem reino nem qualho,
sem tênis
nem calção,
dezembro aí em alto astral com o capital
e ele acolá de baixo astral.

desconexão de ideias

se fosse só olhar o rio
que fio conduziria além da escassa trilha pessoal?
o mesmo rio conectou muitos
num fio infinito
de si
e no mesmo rio há muitas trilhas para continuar.

de onde sou, para onde vou?

se as vísceras são de lá,
de onde reclamaria o umbigo enterrado?
do rio, da praia, do açude, do lago?
as letras entendidas são daqui,
as incompreendidas também,
nada sei, sei lá,
deste mundo daqui e de lá
se tudo é cartão postal e televisão.

suspiros profundos patéticos

se a morte é gigante esmagadora,
somos formiguinhas sem asas
que numa simples cuspida se afoga,
a morte é atrevida e traz a vida nas garras
para soprar em nossas narinas.

je suis a vida

je suis jean

lembra?

um pulo de catraca, em metrô de primeiro mundo, um tiro,

je suis dorothy

lembra?

depois de rezas, covas,

je suis wladimir,

lembra?

do lado do pescoço, a corda,

je suis, maria da penha,

lembra?

a lei, a lei,

je suis lenon

lembra?

imagine uma bala,

je suis professor valderi

lembra?

morto na pousada?

je suis a vida.

poemas de inverno: advertência de um deus

calor de colo aquece e abranda

e o valor, serra acima,

vai além da candura,
vem,
saboreia os segundos que escorrem por sentidos
que desdizem em línguas
afetos de fetos a tetos,
vem,
tempo envelheceu
e está mais veloz,
até parece que foi ontem, mas já faz muito tempo.

o meu companheiro ficou com a dentista

ele esteve a vida toda comigo,
dividíamos tudo,
comíamos juntos,
bebíamos juntos,
dormíamos juntos,
fazíamos amor juntos,
sorria pra mim quando estava limpinho,
bebia minha saliva
quando eu roçava a língua nele,
esteve a vida toda comigo,
viajamos léguas e línguas juntos
e minha idade era a idade dele,
chorava quando ele sentia dores,

nossa última caminhada juntos foi muito triste
eu o acariciava carinhosamente
enquanto ele se contorcia de dores,
foi arrancado de mim de forma abrupta
por uma dentista que ficou com ele
enquanto eu ia embora todo doído.

a via do de\$amor

se apenas o \$ono une o\$ amante\$
que correm até \$e e\$gotar
atrás\$ do capital
não haverá mai\$ o encontro
tão de\$encontrado e de\$encantado
e tudo e\$tará di\$per\$o para \$empre.

o amor tem idade

ora o amor é um vovozinho
todo entrevado
com uma bengalinha
rindo de coração em coração
até sua morte,
ora o amor é veloz
e todo bombado
indo século após sexo
até a sorte.

até as pedras se espantam

com o valor do suor,
com o preço do carinho,
com o acariciar-se sozinho,
com o olhar de desdém
como quem fita ninguém,
com a ausência do beijo
e com o grau de desejo,
até as pedras se espantam
com os delírios que desencantam a vida.

dosagem de vida

o medo do dia seguinte
fez severino querer tudo hoje,
bebeu,
comeu,
amou,
sorriu,
chorou,
fumou,
correu,
parou,
o hoje foi sua overdose de vida
e no dia seguinte severino

foi encontrado morto
em sua própria cama.

ora direi

se até as estrelas iluminadoras
da galáxia morrem,
por que haveríamos de temer
aquela que leva
até quem tanto brilha além?

matemática da vida inteira

metade é trabalho,
único atalho,
metade é academia,
exclusiva via,
metade é sono,
único abono,
metade é celular,
sono estrelar,
metade é conta
de ponta apronta,
a matemática da vida inteira
diminui letras,
subtrai laser,

diminui amor,
subtraí prazer
e multiplica números após números.

do calendário homicida

o pai que tirou o pai do filho
está impune e bem velhinho
em algum lugar
comemorando com os pais
que colocou no mundo.

o capitalismo engoliu o amor

nada se dar sem receber,
nada se faz
sem merecer,
faz-se milhão
e recebe-se tostão,
diz-se no ouvido do “pobi”
que ele tem que viver só
e apenas sua própria mão
ser a causa
do seu coito,
o amor ficou desmerecido,
acanhado e envergonhado.

amor

mundo gira
e de alma e elegias
se completa o dia a dia,
meu deus,
corre e socorre
pés, braços e línguas
de todos que giram no mundo.

todo dia, tudo de novo

morrer todo dia
de novo
madrugada adentro,
nascer todo dia de novo
madrugada afora,
emprenhando
de novo todo dia novo
e morrer de novo
todo dia de novo
até madrugar de novo
à deriva de um tempo medíocre
dominado por medíocres
que vendem o tempo

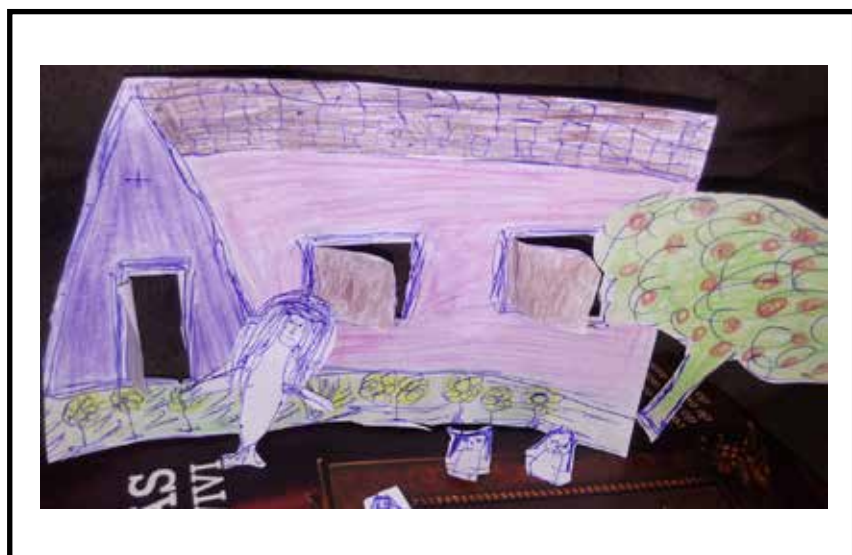
refugiado amor

o amor era a via
entre coração e candura,
interditou-se a via
porque não havia mais orações brandas e poderosas
evocando respeito,
o amor passou a ser algo de línguas ponderosas
no poderoso pêndulo da paixão e do desejo.

dizer amor

viver de amor
é sabe provar desilusões,
de insônias o amor entende
e nada será ócio.

A voz da favela



A voz na favela

De tudo que comporta a favela, há ainda muito pouco dito e o muito pouco dito não revela os tantos labirintos que encaminham o vai e vem do dia a dia de todos que constroem e destroem a favela. A favela é um conglomerado de ruas e becos repletos de interesses que comportam a mesma classe, não há ricos na favela, mas pobre há em abundância, o pobre da favela corre, sobe e desce, e vai embora vez por outra com enchentes, desabamentos e invasões indevidas...perdem tudo em chuvas e contraem sérias doenças configurando sérios problemas de saúde...

A cada dia os problemas da favela se acentuam porque a população enfrenta as dificuldades que são perenes no mercado de trabalho e quando não se tem emprego, evidentemente que paira o tráfico, a prostituição, assaltos e a escola vai ficando para trás e a educação vai se tornando uma coisa cada vez mais obsoleta porque a população passa a ser engolida pela força dominante da polícia e da milícia que passam a impor medo e terror na vida da população da favela.

A voz da favela, muitas vezes, é muda aos ouvidos da cidade...a favela permite que muitos sobrevivam por suas ruas e feiras e comércios...mas na favela há uma voz que é estridente que se faz ouvir por todos os cantos...

a boca

nada a ver com dor
nem horror,
qual a palavra dita?
experimenta ouvi-la
ou dizê-la com tua língua dentro dela,
a palavra clama
sussurros em ouvidos são.

os “matáveis”

tiros nas costas de preto,
no peito de preto,
chibata no lombo de preto,
desova de corpo de preto,
cova de vidas de pretos,
presídio pra preto penar dentro,
preto sem trampo,
preto sem teto,
bala perdida é pra preto,
serviço sujo é pra preto,
desculpe, meu preto-eu,

meu país é de preto
mas a “treta” é dos “brancos”.

se fosse “noi” tava tudo morto

a “puliça” invade a favela
e mesmo sem reação
deixa um rastro de vidas
sem vidas pelo chão,
nos condomínios de luxo
dos tais apadrinhados
a “puliça” é recebida
com rajada de bala
e estilhaços de granada.

fingimento qualquer

a polícia invade os becos
e mata sem olhar a quem,
os indecentes atiram
contra a pf
com rifles e granadas,
depredam delegacias
e viaturas
e os “homi” num “faz” nada.

o poder do comércio

a rua está
colorida com doces
de pequenos comerciantes negros,
vender pode ser, pedir, roubar ou apanhar,
ai, na “ureia” “nam” seu zé,
no pé do ouvido, então,
“noi” só tá “vendeno” “tombém”,
é «pa» boca “mermo”,
o comerciante grande
deforma a vida do pequeno.

decadências de membros inferiores

cosme contou
que damião morreu afogado
após brindarem à vida no açude “dozurubús”
e hoje cosme sem damião,
não tem sandálias
nem sapatos
e o calção está rasgado
mostrando os membros inferiores.

notícias de rua

desesperado
ao sol quente
grita, ó a bala aíí,
quer uma moço?

vai pro inferno!!!
vai um,
vem outro
desdenhando e desenhando
um destino esmo no asfalto.

o homem foi para o céu mutilado

doutora,
meu dedo aponta além,
digo amém?
mas
se é pra dizer amém,
digo de novo além.

lá nas malvinas daqui

mãe de 3 filhos
preparava mingau com creme
para 1 filho de 8 meses,
o crime criminoso crivou-a,
o crime não curvou-se a inocentes
vrroooooooooommmmmmm
vrroooooooooommmmmmm
bang, bang, bang
foram tiros de pistola,
a mãe de 3 filhos
sem trilhos “cai em decúbito dorsal”
vestida de sangue e adornada de balas.

boca a boca

à boquinha da tarde
na boca do beco,
josefa de fátima
contava em dedos que não cabiam
seus quarenta anos de fábrica
e de carteira assinada
e de pobreza total.

o dia em que “arroi” pousou na terra

“arroi” parborizado
ou todo re-quebradinho
do bar à laje do jabá,
de dias e pão
a dias de pó,
de diazepam
a revolveril,
chiou com a china,
com “queixim”
e botou queixão
em negão do pastel.

pela luz de meio dia

“já morreu”
já “dançou” várias vezes,
uma vez com o “treisoitão”,
outra vez com um simulacro
pintado num papel,
“já morreu” tá vivinho na finta,
“já morreu”
já tá preso.

vidas perdidas

por aqui dói dor de pobre
porque se perde mais vidas que migalhas,
nunca se ouviu falar
que bil, zé, chiquinho
achassem cinco, dez, vinte, cinquenta,
cem ou duzentos tostões,
mas aqui e acolá,
vez por outra,
eles acham um menino após outro
morto e jogado numa vala qualquer.

de perto preto presta

preto encontrado
por bala perdida
bem no peito,
preto perdeu pai
também encontrado por bala perdida,
esse é o jeito de preto
ser achado
e o leito do preto
tem sido sempre pedra fria.

se dói aí, dói aqui

dói aí,
dói aqui, ,
falta aí,
falta aqui,
doença aí,
doença aqui,
fome aí,
fome aqui,
morre aí,
morre aqui,
entre aí e aqui,
aqui e aí,
há muitos ais e uis.

na construção se viu

e o trampo pião?
ixi, noi já fumo dimitido,
o ingieiro chamou outa galera,
puque noi deu 200 real na pimeira foia,
ele qué cumê douta galera,
ele dimitiu noi cum 2 meis
e chamou os outos pião pá cumê
mai 200 de cada um,
o pião mal põe o pé no concreto,
já tá na lua
e na lama novamente.

a velha rixa

de morte e de falta de sorte
a favela tá cheia,
se não sobrar
casa sobre casa
as telhas serão de asas de helicópteros
e de capsulas de balas perdidas
achadas em corpos de pretos,
a favela tá empestada
de falta de pão e de gás,
a favela se ajoelha
para o crime,

para a polícia
e nessa dança de tantas malícias
quem manda é a milícia.

no bar dos teimosos

todos perdem e ganham
e depois voltam cheios de vidas
para continuar partidas,
bebem doses
até a língua “embuluar”
e no dia seguinte voltam cheios de sede
para novas “embuluagens” de línguas,
no bar dos teimosos a alegria
é o aperitivo mais pedido.

a voz de um pescador: “entreaspas”

vixi é cada “tilapa”
lá no açude “depoi” das 12 hora,
mai noi num vai mai não
e ficamu cum fomi
puquê os “homi”
fica atirano “ninoi”,
dai a “tilapa” rai simbora
e noi fica tremeno de medo e de frio

veno as bala que passam bem pertim de noi
e as “tilapas” tão longe.

“feliz ano velho”

que se encontre menos balas perdidas
e mais botijas de ouro,
que se mate menos homens e mulheres
e se encontre mais fraternidade em ambos,
que se roube menos as coisas dos “descoisados”
e se acrescente mais ao bucho dos esfomeados,
que se combata a doença com políticas
e que a política seja melhorada com remédios,
que não se maltrate crianças por falta de pão
e que a padaria seja o parque de diversão
da fome de cada uma delas.

lembra de mim

quando teus filhos
forem injustiçados,
sendo eles justiceiros,
lembra de mim
quando teus filhos
tiverem a água cortada,
a luz apagada,

a voz abafada,
a feira tomada,
lembra de mim
quando teus filhos forem cassados
ou agredidos
por causa de cabelos,
de tatuagens
ou de uma planta qualquer,
lembra de mim
quando teus filhos
sentirem a força da vaidade alheia,
lembra de mim
quando teus filhos
não escaparem da dor do desemprego
e da humilhação de agiotas.

o mote do riso atual é morte

perdão, beto,
melhor seria indesejar o pudim,
o certo, João, pela brincadeira, seria sorrir,
mas para ti, irmão, a morte foi o mote
do riso brutal do Brasil atual,
meu Alberto que “sorte” a nossa
da pele doída à nossa cor,

dão troco com sangue e desgosto,
perdão, joão
pelo apagão brusco de tua vida
nas garras de um mercado qualquer,
perdão, beto
pelas turbulências na vida de milena que nada pôde fazer,
perdão, joão,
perdão, beto,
perdão, milena.

a voz da favela: “entreaspas”

mai uma pinga ai,
glub, glub, glub,
a barrigudinha negra ali de lado, impaciente, impotente,
vamo simbora homi,
perai, mai uma aí,
glub, glub, glub,
taqui no bucho dela meu bichin morto,
buow! buow, buow,
num bate mai coração,
num creci mai,
num si boli mai,
meu fi morto tá aí na barriga dela,
fai mai de uma sumana,

a dotora do isea da maternidade dixé qué pá tirá em 15 dia,
mai uma pinga ai,
glub, glub, glub...

a voz da favela: “entreaspas”

e esses tiros aí?
né tiro não, mano, é foguetão,
“é” os “mininu” festejano a saída
lá da casa amarela...

a voz da favela: “entreaspas”

os “gambé” entrou na favela de moto
e meterum bala nas costa de negão
que corria na frente,
negão caiu e todo mundo se escundeu
cum medo “puque” os “gambé”
apuntava as arma pra noi,
negão ficou lá estendido no chão
sem se mexer e oiando pru céu.

a voz da favela:”entreaspas”

ia pá todo lugar cum eu,
eu pagarra tudo,
deixarra e pegarra nos lugá,

arrenti cutia dimai,
ia pu má,
ia pá uns sítio,
ia pá picina,
arrenti era feli,
depoi fui in rosa
e arrente nu si viu nunca mai...

a voz da favela: “entreaspas”

“noi” tava no parque “fumanum”,
os “homi” “chegarum”,
“tumarum” a coisa de “noi”,
“botarum” “incima” da “peda”,
“pisarum” “incima”,
“fotogafarum” “noi”
e “baterum” tanto
que “ficamu” tonto
e “si” “mijamu” todo
de tanto apanhar,
“depoi” “mandarum” “noi” “simbora” “pá” casa.....

via do desassossêgo

ser réu preto ou branco,
doutora juíza,

faz diferença?
a lei e a pena,
seguramente, são pra qualquer cor?
ser réu rico ou pobre,
doutora juíza,
faz diferença?
a lei e a pena,
são pra qualquer classe?
ser integrante de grupo criminoso,
doutora juíza,
é questão de raça?
a lei e a pena,
são aplicadas com razão?
doutora juíza,
sua esdrúxula vazão
lota cadeias e presídios
com os injustiçados da vida inteira.

semiótica dos xingamentos

quando infeliz, era triste da badalada do sino,
sem costas largas, acabou infeliz da costa ôca,
orvalhou nos becos como gota serena,
coçou ouvido e ouviu bixiga taboca, bixiga lixa,
na confusão alheia, virou peste bubônica,

sem querer foi cão do inferno,
de bode, foi cabra safado,
cabra nojento,
mal vestido, foi bicho seboso,
por causa do cão, foi cachorro da “mulesta”,
foi marmota danada,
espantado com coisas do mundo foi espantalho do cão,
foi tudo o que a língua podia,
mas morreu à míngua ouvindo o que a língua dizia.

ser franco, francamente, é questão de justiça

ser franco
não é questão de ser sincero,
é caso de justiça,
é honra de sobrenome mesmo,
ser franco, francamente, é confirmar luta,
o ponteiro pode até correr contra o tempo de cada tiro,
mas o porteiro, não,
estava ali de plantão como um ponteiro marcando entradas e saídas.

na fonte do fio-do-triste-herói (na ponte do rio-niterói)

vinte aninhos,
nego,
sem antecedentes criminais,

nego,
segurança empregado,
nego,
residência fixa,
nego,
deprimido,
nego,
portando arma de brinquedo,
nego,
com uma quantidade ínfima de gasolina cara,
nego,
com uma faca cega em punho,
nego,
augusto,
meu nego,
qual teu real motivo de morrer?
nego,
abatido como um cão sem dono nas escadas do busão
por mira de sniper,
nego,
que em cadeia nacional fez erguer braços fliees-witzel,
nego,
wilson vibrou com o teu triste fim, meu nego.



Delírios de alma



Delírio da alma

A alma, muitas vezes, é encarcerada nos porões da metafísica, por ser indicada como parte imaterial do homem, dotada de existência individual e que subsiste após a morte do corpo, é vista muitas vezes como espírito e encarada como algo que anima...Em algumas línguas pode ser entendida como “ser”, “vida” ou “criatura”, também pode ser interpretada como a vida de cada organismo...

De certo modo, por não ser eterna, não pode ser pensada como isolada do corpo como que numa acentuação de algo que também morre assim como a matéria que apodrece também.

Assim, por vezes, é vista como algo banal por quem acredita apenas no corpo, e não obstante vista como restrita à religiosidade por ser encarada como uma espécie de aura que acoberta o corpo humano...Se a alma não é algo puramente físico, material, ela pode ser o anjo da guarda ou ser o espírito inerente a cada aura na luminosidade de cada existência humana.

Algumas almas são gêmeas e podem gemer juntas na pele de cada humano. Talvez por este motivo froucaut diga que a “alma

é o elemento focal produzido junto ao exercício de saber-poder sobre o corpo".

Portanto, quando se deseja expressar unicidade entre os pares, diz-se corpo e alma como sendo algo junto e inseparável... Talvez, neste sentido, nietzsche conceba "o corpo como relação de forças em conflito e não separa corpo e alma".

Já wilde aponta que a "alma do homem é o único texto de certa extensão escrito previamente ao processo e escândalo"... wittgenstein pondera que "a alma humana ou o eu metafísico não é um ponto rígido imóvel, mas abrange todo um mundo, que reconhecemos como nosso mundo".

Hegel, por sua vez, concebe "a alma em íntima ligação com o corpo, possuindo inicialmente uma unidade imediata com o mesmo por meio das sensações".

O poeta pessoa torna íntima a relação da alma com o mundo e diz: "minha alma está cansada da minha vida..." e aponta "que quem tem alma perde a calma" e delega à alma a capacidade do prazer e do poder da alma diante de tudo da vida ao dizer "tudo vale a pena quando a alma não é pequena".

Já manóel de barros por sua vez esclarece que tentou "descobrir na alma alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas."

distante outrora e agora

distante outrora,
era tempo longe
que machucava,
que depenava a alma
e atingia a calma,
distante agora,
próximo de solidão intensa,
não dói só na alma próspera.

a insondável alma humana

sem cheiro,
sem cor,
sem som,
com cadência,
com clemência,
com justiça,
com tudo que é mais íntimo no íntimo de cada coisa da alma humana.

diálogo impertinente

ai que dor, doutor,
onde é?
não sei,
acho que é na alma,
esta dor mata, doutor?
mata sim, mata a alegria,
a autoestima e a calma,
dói?
aponte com o dedo,
ali doutor, no mundo,
bem no peito do mundo.

a falta de alma pras exigências do mundo

se o medo acabasse,
se o frio na barriga passasse,
se as mãos não suassem,
se o corpo não estremecesse,
se a vista não escurecesse,
se os dedos não tremessem,
se as pernas não ficassem bambas,
se o coração não acelerasse,
se a voz não engasgasse,
se a testa não virasse cachoeira de suor,
se os braços não enrijecessem,
não haveria mais alma para as exigências do mundo.

almas irmãs

ombro a ombro,
alma de calma,
passo a pássaro,
mão a pão,
trabalho a atalho,
alma irmã,
irmã de minha paz,
segue-me
e cega-me de amor.

da maquiagem da alma

de que adianta lindo rosto
se é feio o gosto
da maquiagem que embeleza a alma,
de que adianta corpo belo
se o pensar é torto elo
entre língua, palavra e flagelo,
de que adianta ser homem ou mulher,
perdeu-se o lúmen
entre a vista e o que se via além,
de que adianta voz mansa?
se predomina a pança
na dança da maldita herança.

casa de alma

as vezes a alma mora
em casa de cimento
e rola dentro dela
como pedra penada “desassossegada”,
as vezes a alma mora em casa de papel
e encontra dentro dela o sossego sonhado.

dom quixote de la moto: “rodopio de arrepiar”

solte-me, chance,
deixe-me ir
ou me atirarei no penhasco de tua consciência,
caído, vou levantar de consistente que sou e nem para trás olharei,
somos sós, chance,
eu, você e nossos cavalos de forças,
vê lá, chance,
quantos homens rudes na fila, todos com armas letais para me atacar,
vou ensinar-lhes com quantos golpes se faz cidadãos honrados,
o tempo urge,
avante, chance,
dê-me as demais armas,
preciso enfrentá-los com minha honra.

a prece

não fale de dependências
que a pressa muda face,
muda a fala,

sede e fome,
não me toquem
que a prece de seus afagos
não faz parte de apelos de mãos nem de dedos humanos.

dom quixote “de la moto”

andando por terras que penso
sangue de meu sangue,
secas, abandonadas,
sem gados
e quase sem passarinhos,
há estacas caras cravadas
com arames farpados
quilômetros após quilômetros,
a quem pertencem?
se os descendentes
desejassem coisas dignas,
as estacas
e os arames farpados caros
cairiam por terra.

na alma de cada um

eu
ninguém
até o fim?
miúdo para a lida
tanto ontem
como logo mais,
ó mãe,
ó pai,

os pés andam por angústias vãs
e vão por mim
ceifados,
cedo hoje
e tarde amanhã,
apenas este ermo
se gasta
como algo efêmero
na alma de cada um.

a tempo

melhor seria que o corpo resistisse
ao tempo
a tempo
da dor não ser dele próprio,
se o copo está vazio,
então bebe nada
e nada
a braços
ou a barco,
mas abarca
o mundo no teu tempo.

almas gemem

somos fortes lado a lado
em ombros e hombridades,
se aladas,
juntamos asas
e casas passamos a ser,
se distantes,
entristecemos

uma sob a outra,
cada uma
em ombros e hombridades
sobre a outra,
cada uma
olhando o mundo além de si.

sumiço sideral

se as asas não fossem de pele e pelos
pelos ares
voaria alto,
mais alto
até sumir
de sideral a pés de candura
e se o combustível não fosse medo,
vagarosamente
estrelar,
sumiria no espaço
até cair nos oceanos e “ondar” mar afora.

momento avatar

ali naquela horta,
uma porta se abre
e brota
em caminhos,
os descaminhos de outros caminhos.

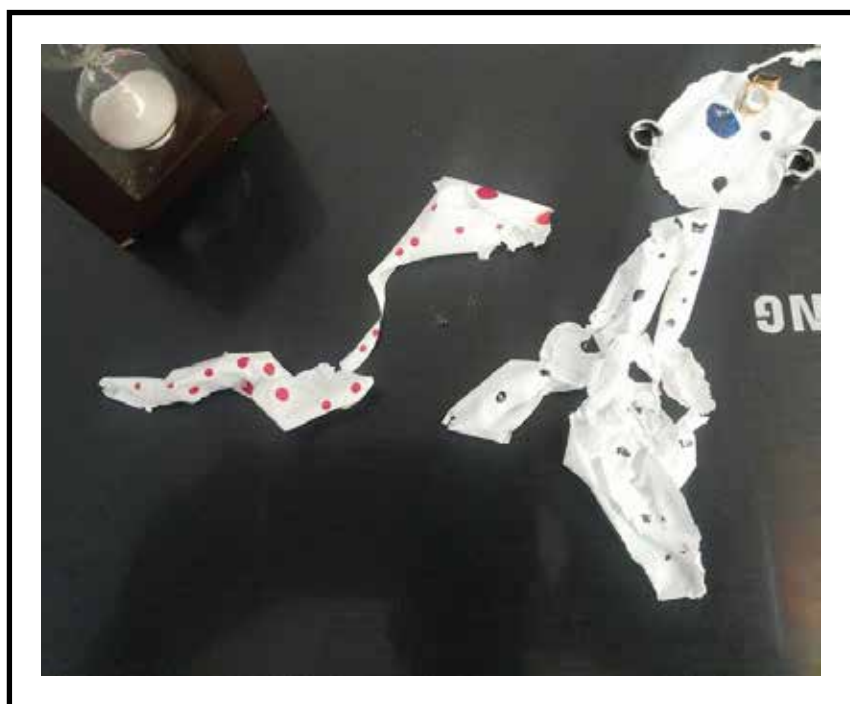
das ponderáveis almas poderosas

não me condeno a condenado,
nem te condeno a condenada,
fomos as causas
da decadência dos bons sentimentos
de nossas condenadas almas.

almas rezam e tremem de ódio

Yanomae,
Yanõmami,
Sanima
e Ninam,
nós vingaremos as atrocidades
da desnutrição e da saúde tão frágil
falando e gritando em coro
com nossos ancestrais em
Yanomami,
sanõma,
ninam,
yanomam,
ỹaroamẽ,
yãnoma
aqui na terra
como no céu,

aqui nos rios,
como no mar,
aqui na floresta
como na selva de pedra
e o pão vosso de cada dia
nunca mais vai faltar.



Meu canil (pet shop)



Sobre a fidelidade dos cães

Os cães de raça ou vira-latas, com suas raças indefinidas, perambulam pelas mãos de humanos descuidados até consigo mesmos...suas pragas, raivas e carinhos os elegem como os melhores amigos do maior predador do planeta, o homem, o próprio indefinidor de suas raças.

Os cães e os homens fizeram uma aliança sem fim envolvendo fidelidade, o que não há entre pessoas. Os cães de guardas, os cães que ladram e os que penam de rabujo e frio pelas calçadas servem de alento e calor para o seu melhor amigo que também está perambulando por ruas e calçadas, um no pelo do outro, um na pele do outro...

Se o homem é bravo, o cachorro o domina em sua amizade, pois não é à toa que recebeu a alcunha de melhor amigo do homem...esta amizade cresceu com o tempo e se alastrou pelo mundo afora, o que credencia o cão a seguir próximo de seu melhor

amigo que vez por outra resolve abandoná-lo à mercê de sua própria tristeza e desilusão insana, irracional de animal.

Talvez a alcunha de melhor amigo, seja pelo fato do cachorro ser obediente, de balançar o rabo, de vai para ali, vai para lá e ele, o cão, a ir todo acarinhado, todo humilhado e rebaixado...

Diz, o seu melhor amigo, o homem, que o cão chora e sente muito sua morte ou sua ausência, mas ele o homem, rigozija-se com esta dor canina...ele balança o rabinho, ele lacrimeja como o próprio homem...então entre os melhores amigos, cão e homem, há uma coisa que é bem comum entre ambos, o sentimento...

dias de cão

dias sem pão,
dias sem amor,
dias sem ninguém,
dias sem vintém,
dias sem eiras,
dias sem beiras,
dias sem perspectivas,
dias em que se pensa em morder
todos que atravancaram o caminho
do ganha pão de um qualquer,
de qualquer um.

raça indefinida ofendida

o cão sem bônus
não tem pele para cardeiros,
dorme ao relento
com seu rabinho fino e rabugento,

o cão sem bônus
nem ração tem
e sempre leva chutes de alguém.

cão sem dono

um cão sem dono,
sem pele de cordeiro,
não consegue enganar o pastor
que rir do seu pelo ralo,
cão sem dono
pena de dá pena,
é chutado de um lado a outro
por qualquer pé,
cão sem dono,
late,
late,
faminto,
sedento,
cão sem dono e com frio
morre de raiva.

meu cachorro presidente

tem pelo ouriçado
que voa em debandada pra todo lado,

o rabo é preso numa faixa amarelada,
ladra e abocanha a américa do sul,
fica bravo, espuma de raiva
e morde o calcanhar da venezuela,
abocanha o traseiro de cuba
e se arre pia todo e estranha a argentina,
gosta de hot dog e pão com manteiga
e adora ficar perdido por aí
em terrenos miliciosos,
meu cachorro presidente
balança o rabo ouriçado e se “em-pulga” todo
aos pés da rússia
e todo “em-pulgado” mete a “língua”
em pés e dedos
da américa do norte.

meu cachorro São Paulo

é forte e grandão,
tem o rabo grosso e cheio de pelos,
quebra ossos grossos
com os dentes e as unhas,
sempre que ladra, morde,
mas balança o rabo grosso
e cheio de pelos

para dória,
frota,
joice,
covas,
maluf,
kim,
mamãe falei
e tiririca,
meu cachorro são paulo,
late, late, late,
mas só morde quem come sua ração babada.

meu cachorro paraíba

balança o rabo fino sem pelos
para quem joga até pedaços de pau,
ladra e morde o calcanhar daqueles
que só andam a pé,
tem pulgas, rabujo e carrapatos das patas
à ponta do rabo fino sem pelos,
não come rações com vitaminas,
se engasga com ossos finos,
bebe água de esgotos,
dorme ao relento,
defende território desertificado

ou com esgotos a céu aberto,
lambe os pés dos donos de lojas
que jogam água gelada ou água quente em suas orelhas,
meu cachorro paraíba está magrinho
com as patas bambas
e escutando pouco,
late, late, late,
mas não morde porque perdeu os dentes mastigando pedras.

meu cachorro rio de janeiro

ele é branquinho,
mas se lambuza na lama dos mangues,
ele tem o rabinho peludo que balança pra o exército,
pra pm, pra milícia e pra, pra pra,
meu cachorro rio de janeiro
balança a orelhinha pra o cristo de concreto,
mas abocanha os morros dos que morrem em vão,
ele lambe os pés desde cabral a crivela
e vomita nas encostas dos costas estreitas,
meu cachorro rio de janeiro
ladra até bonitinho,
mas não morde as tantas balas perdidas.

meu cachorro amapá

tem o rabinho curto,
balança pra lá e pra cá,
e vira-lata,
“grunhe”, se coça, balança as orelhas,
mostra as olheiras,
mas ninguém tá nem aí,
meu cachorro amapá
morde, ladra, mas ninguém arreda o pé
e ele fica tristonho num canto qualquer,
meu cachorro amapá
não está velhinho, mas tudo escureceu à sua volta
e ele passou a bater a cabecinha em qualquer esquina.

**Da pandemia:
versos de morrer e viver**

ala vermelha



Da pandemia

Quando o mundo amargou a pandemia, amargamos perdas após perdas, de parentes, amigos e brasileiros que tombavam inertes sem direitos a velórios, de partidas tristes sem abraços e sem a presença de entes queridos.

A morte passou a ser uma avenida por onde todos passávamos, ou um corredor da morte, onde a sorte também estava moribunda...não era questão de sorte era questão de honra cuidar e evitar que o mal atingisse nossa casa e as casas de parentes ou amigos.

O oxigênio faltou para todos os pulmões até para os filhos da floresta da maior quantidade de oxigênio do planeta... e a morte foi a saída para os sofrimentos que lotavam leitos improvisados nas alas vermelhas que se infectavam entre si.

O olhar entre amigos falhou, o aperto de mão ruiu amizades, os abraços deixaram de acontecer até entre pais e filhos que se entreolhavam por frestas da escassa saúde...ninguém queria morrer, fosse velho, fosse novo...ninguém saía de casa por medo, mas enlouqueceu por precaução e por amor ao próximo...não era gri-

pinha, era a sombra da “indesejada” dormindo e cobrindo todos nós.

Era gripona grande e sem solução que matava e arrepiava até quem não tinha pelos...a dor tomou conta de nossas casas e das casas de nossos parentes, amigos e conhecidos que sofriam com poucos e disputados balões de oxigênios, que sofriam e morriam entubados e sem vacinas.

Todos, quase um milhão de pessoas morreram sem um governo capaz de apontar soluções e de cuidar do povo que morria desassistido pela própria ciência que foi negligenciada por quem governava e devia cuidar de seu povo.

O choro não era “mi mi mi não”, era dor, era medo, era tristeza, era saudade, era esperança de que a ciência salvasse amigos, parentes, amores, mas a ciência foi descredibilizada e pelo descrédito não andou e emperrou pesquisas que seriam cruciais para salvar vidas...e as vidas não foram salvas e foram causas de dores, desesperos e desilusões.

Amores perderam amores, amigos perderam amigos, parentes perderam parentes e as valas foram sendo cavadas a céu aberto, uma após a outra, uma sobre a outra.

Sem o choro presente dos parentes e amigos em hospitais ou cemitérios, partiram os senhores e as senhoras que não tiveram um governo competente e atuante frente ao mal que matava, asfixiava e enterrava uma pessoa após a outra.

aglomerações

filho pródigo de mãe gentil
que deita mediocrementes
em berço esplendido,
não vês?
tua pátria-mãe
morre à míngua
e está em prantos
pelos filhos tantos
que morrem por todos os cantos.

a pátria que te pariu

o brasil é uma imunda
e puta pátria mãe gentil,
perdeu mais de seiscentos
e noventa mil filhos
e em berço esplendido
se ajoelha cabisbaixa e servil.

tem armas, saúde não

ar mais ar, falta aqui e acolá,
mas armas
pra inundar os céus anís
com balas perdidas, nunca,
“vá” “sina” vã
ao mundo cão dos quintos dos impérios
em nãos e sins
que mal dão de cara com o amor ao próximo.

a pandemia é humana

já há em nós,
implícita sina da pandemia,
de penar
de lado a lugar nenhum,
de flagelo
na punição de pele e de roupas,
da irrupção
na invasão súbita de bactérias na água e na comida,
do mal
que contamina cérebros e forças
e mata sem abraço ou aperto de mão,
da peste
que assola casas, becos e ruas,

do surto
que assusta até mente insana,
já há em nós,
implícita sina da pandemia,
nossos amores, avós e pais envelheceram.

estação vazia

outono
ou
tô
nú de calma,
ou
tô
no outro mundo sem alma,
ou
tom triste
no dedo em riste da doença que esvazia estações.

o isolamento social já existe

uma casa foi tanto e a outra quanto?
um salário é tanto e o outro é quanto?
um muro é alto e outro é mais alto ainda?
um carro é de tal marca e o outro é de qual?
uma compra é tanto e a outra é quanto?

um plano de saúde é tanto e outro plano quando é?
um vai a um restaurante e o outro a uma bodega,
um anda de avião e outro a pé,
uma roupa de marca veste bem
e a outra sem marca é de quem?
o quanto se tem
é problema de cada um
e merece o máximo sigilo.

o desencanto de tudo

o mundo tá feio
sem parques com gente sã suando,
sem gente nas ruas e nos bares
degustando e bebendo ilusões,
sem amigos da esquina
tratando assuntos importantes e fúteis,
sem enamorados encantados perfumando a vida
de mãos dadas com a paixão,
o mundo tá vazio
sem os portões de escolas enfeitados
com a chegada e a saída de conhecedores,
sem as vaidades pessoais,
sem motos, carros, aviões e navios
poluindo as vias nasais, visuais e auditivas,

sem as ilusões das igrejas lotadas de esperanças em nada,
o mundo tá triste
sem cabelos soltos no tempo
de seus desembaraços,
sem beijos e abraços,
sem brilhos de sapatos, tênis e sandálias,
sem academias pra ressaltar a alma de belos corpos,
sem o tilintar de talheres, copos e joias,
o mundo tá feio,
o mundo tá triste,
o mundo tá vazio
com sua gente doente e acamada.

a vida não tem idade: saúde pra todos

a vida é nova,
a vida é velha,
a saúde é pra todos,
a você, bebê,
ao senhor,
à senhora,
saúde,
a vida é velha,
por isso merece vírus?
matemos o vírus

pra viver o bebê,
pra viver o senhor,
pra viver a senhora,
a saúde, excelentíssimos,
é pra todos, independe de idade,
saúde bebê,
saúde senhor,
saúde senhora,
saúde, saúde,
ninguém merece vírus.

ouviram do vírus só boatos

não bastasse, campina menina
te delegarem a dor da perambulação
por postos de gasolinas
dias após noites em prostituições infantis
e te darem uma alegria comercial uma vez no ano,
agora te entregam à doença
e estás à mercê do vírus exterminador.

extrovertidos infectantes

†em que ir pra rua, geladeira vazia,
sem dinheiro, †ua casa não é casa, é uma coisa vã,
pra o casal, geladeira †ardia,

sair pode ser bom,
mas pra o solitário ficar isolado é pior,
se não tem recurso, geladeira vadia,
tem que sair pra o mundo,
pra buscar dinheiro,
comprar coisinhas na rua, geladeira sombria,
pode ser algo extrovertido,
mas de que adianta?
se não há água,
nem refrigerantes,
nem cervejas,
nem vinhos,
nem “uisques”,
nem sucos suficientes
pra bancar a sede,
não há leitões, geladeira humana,
nem ar suficiente,
nem ventiladores pulmonares
e a qualquer momento, geladeira urbana,
acabaremos asfixiados numa esquina qualquer
com palavras que ferem a carne e a alma.

lógica do investimento humano: cálculos de morte

†eus filhos,
†eus netos,
†eus sobrinhos,
†eus primos,
†eus irmãos,
†êm menos idade,
†eu painho,
†ua mainha,
†eu voinho,
†ua voinha,
†êm mais idade,
cavarás a cova de qual?

espelho perdido

pra quê batom vermelho-vivo
ruby woo?
os lábios estão cobertos
sem o riso habitual,
pra quê base stúdio fix?
a face foi adornada por um pano qualquer,
pra quê paletas de sombras naked?
as rugas da cara estão comprimidas
por uma camada de pano vulgar,

pra quê máscaras de cílios the colossal?
os olhos estão molhados, apertados e escondidos
por uma camada têxtil,
pra quê blush orgasm e delineador em pasta?
a pele virou pano de fundo de um tecido rasgado,
pra quê iluminador high beam?
tá tudo tão apagado e triste,
pra quê os odores de perfumes diversos e misturados?
o olfato em narinas se embriaga apenas com álcool.

o vírus vai às compras

desejo mais alguns pratinhos daqueles lá,
tome,
quanto custa aquele cobertor?
pegue,
quero aquela “motinha” ali,
leve,
e o perfume?
cheire,
calças, blusas, camisas, saias,
meias, sapatos, sandálias, vestidos,
pague,
calcinhas, sutiãs, cuecas, bolsas,
segure,
cabides e prateleiras

cabem,
caiem bem,
voltam plenos de álcool nas mãos
e com muitas bugigangas contaminadas.

as pessoas por debaixo do pano

as pessoas tamparam a boca,
abafaram o riso,
sufocaram o nariz,
cobriram as faces,
e estão fanhas,
as pessoas ficaram estranhas,
recolheram as mãos,
encolheram os braços,
se distanciaram das pessoas
e mesmo por debaixo do pano
continuam sendo as mesmas pessoas.

o monstro esteve lá em casa

chegou de fora,
calado,
sorrateiro, sem higiene
e sem respeito algum,
espantou parentes,
esculachou amigos,
espalhou tosse,

trouxe dores de cabeça,
promoveu isolamento,
esparramou medo,
instalou insônia
e deixou todos olhando de longe,
engasgou beijos
e encolheu apertos de mãos,
o monstro invisível tornou-se visível
em suor, em carne, em sangue e em ossos de ofícios,
o monstro esteve lá em casa por dias a fio
e quando partiu deixou sequelas peito adentro.



Dos poetas de versos ruins

Poetas e versos ruins

Quem é bom, quem é péssimo? Quem disse que um verso é bom ou ruim, quem diz diz à luz de sua dor e de sua alegria e pode se levar em conta até o nível de vida que cada um como leitor leva em seu dia a dia.

O poeta não depende de críticas, boas ou más, mas seguirá com rimas ou sem rimas, no ritmo ou desritmado.

O poeta é o que é e ponto, não cabe nos sentidos de uma multidão, é visto solitariamente andando páginas após páginas de suas criações boas e más...os versos do poeta são suas vias respiratórias, são seus batimentos cardíacos.

O poeta é bom quando alcança a simpatia intelectual de determinados intelectos que seletos optam por um ou outro poeta que de desconhecido nunca alcançará as sutilezas desejadas pela sua vida inteira.

Os poetas são de carne e osso e nos fossos de suas gargantas alavancam sussurros e suspiros que são muitas vezes poéticos ou

patéticos...o poeta existe independente dos livros porque sua voz soa por becos e guetos dissociados de suas próprias praças de pousos e de repousos...os poetas não pertencem a ninguém e ai de quem desejar comprar-lhes com vinténs.

o parto do mundo

a vida pariu o mundo

feio,

moribundo,

sem luz

e caótico,

o poeta banhou o mundo com poesia

e cobriu-lhe com o manto da leveza

e o mundo ficou belo,

iluminado

e cheio de versos.

lamentos de poemas

somos feios,

mas belos arreios

para imaginações,

somos rimas conexas ou desconexas,

mas com significações complexas,

somos palavras desencantadas
com as velocidades forjadas,
somos belos,
mas feios aos olhos da ignorância
que não ver substância
no verso que principia
a rima que afronta a estereotipia.

vieirianismo

se és amor,
pouco importa a insensatez de quem te ver,
és tu, és tu,
pouco importa
quem te espezinhou
ou te humilhou alinhando-se ao nada ter ou nada dar,
a quem deste tal amor,
pouco importa se soube ousar
ou se no apogeu de si mesmo, o perdeu,
porque, isso poeta, não pode ser cálculo teu.

o pesadelo da falta do que dizer

se saber viver
já é algo raro,
imagina saber

viver com poesia
num mundo
tão caro.

um poeta por dentro: a “roça”

aos poucos,
brota uma semente aqui,
outra semente ali
e aos poucos,
ao mesmo tempo em que tô indo,
também tô acabando de chegar
para me imortalizar.

o bom poeta

não leva seu corpo,
nem lava sua alma
em lugares onde falam mal dele.

um poeta por dentro

quando lembro
que já tive vinte aninhos
é que entendo
o quanto a vida é lenta e longa.

poema de um falso suicida

pensei em beber veneno,
mas a certeza de morrer amargando um sabor horrível
me aguçou o gosto pela vida,
pensei em enforcamento,
mas a dor no pescoço,
a língua dependurada inerte, sem palavras
me fizeram esperar o amanhecer...
um tiro, talvez,
mas o chumbo quente,
o estampido a queima-roupa
ensurdecendo o ouvido,
rasgando a pele,
quebrando os ossos,
me fizeram desejar alegria a noite toda,
atirar-me, quem sabe,
bolha d'água na água
e homogeneamente líquido ou pedra
afogar-me sem direito à voz,
mas a certeza dos gestos inesperados,
do corpo boiando inchado sem controle
me fizeram lagartear ao sol e à lua,
voar lindo, pássaro homem
em sonhos de super-homem,

segundos, minutos na altura
sabe lá, dure lindas acrobacias,
mas a certeza do fim do voo
e do choque do corpo com a terra
me põem em marcha pelo chão.

a palavra não manda recado

mandar recado pela palavra
é pedir pra interpretar
o não dito,
mandar recado pela palavra
é margear outras contusões silábicas,
a palavra diz o que quer dizer e pronto,
de prontidão vocabular,
tá dito,
a palavra não manda recado.

a língua nunca envelhece

o rosto enruga,
os cabelos embranquecem e caem,
o corpo diminui,
os dentes amarelam,
os olhos enxergam menos,
os ouvidos escutam pouco,

mas a língua não envelhece,
continua jovem dentro de si mesma
com sujeitos,
com verbos,
com adjetivos.

o poema não pagou a conta

o poema chegou desritmado,
bebeu doses de tudo,
fumou cigarros,
dançou com a linda mais linda ainda
e encantou-se na multidão
que em mutirão apagou a conta do poeta.

poema de ilusão

a história que cada um conta
para si mesmo,
é tão enganosa e fantasiosa
quanto a história que cada um
escuta dos outros.

poemas alheios

meu poema,
por não ser meu,

nunca sentará à mesa
com aquele outro poema,
seu poema,
por não ser seu,
nunca andaré de mãos dadas
com aquele outro poema,
meu poema
e aqueles outros poemas,
nunca se encontrarão para uma farra
porque meu poema é de alma
e aqueles outros poemas, também.

intrigantes poemas

quando os poetas
não se bicam
é porque seus poemas
são intrigados.

zombarias

o poeta esnobou anos de estudos e títulos,
mas quando abriu a carteira
e cutucou os bolsos
e viu que nada tinha pra esnobar,
recuou acanhado,

o camelô cheio de graça
pagou a conta caladinho
e saiu gargalhando,
oferecendo suas mercadorias.

a poesia e o desencanto dos versos

a poesia leva o poeta
aos quatro encantos do dia a dia,
mas sem consultar
o bolso do poeta
que se joga inteiro
nos tantos cantos da poesia
que não dá a mínima
para o desencanto dos versos.

a família do poeta

poesia,
tuas rimas,
teus versos,
tuas estrofes,
teus acentos,
tuas pontuações,
tuas palavras
são apenas dengos do poeta fraco ou forte.

risos diversos

a poesia toda pomposa
e bem acompanhada
por muitos versos
zombou do universo.

a fofoca das letras

o A disse que o B
estava com dois buchinhos bem acentuados,
o B falou do C porque estava
com uma de suas partes íntimas
aberta só pra um lado,
o C zombou do A porque seu
cinto estava apertado na cintura,
o A retrucou e disse
que pior era o H porque não tinha telhado,
o H encabulou-se, mas zombou do I
porque sua cabeça parecia estar no céu,
o I fingiu não ouvir
e com seu próprio pingo sorriu do Q
porque estava com o rabinho à mostra,
de repente todas se juntaram
pra formar uma palavra
e caíram na risada zombando
de quem ia ouvi-la ou dizê-la.

poesia de cada dia

poesia,
canal de versos bons e ruins,
razão de vida, morte e pão
de poetas bons e maus,
poesia, pau pra toda obra
que se desmorona ou se edifica
em cada construção
de cada poeta.

os versos não são meus

são do mundo
de cada esquina,
de cada sina
de cada vida,
da coisa sofrida,
os versos vêm de mim,
mas não só por mim,
os versos não são meus,
são do sal do suor
de cada coisa pulsante.

o vendedor de versos

saiu vendendo
ou doando versos
a leitores indiferentes
que devoraram tudo em silêncio
sem um “pio” sobre os versos
do vendedor de versos.

a minha letra é feia

desarrumada,
fora de linhas,
garranchada,
miúda,
trêmula,
sua velocidade descabe em si,
briga com papéis arcaicos,
desobedece a ponta do lápis grafite,
não segue o bico da caneta esferográfica
e está fora das seitas caligráficas
bem arrumadinhas.

disputa de imortais

a vida e a morte
lutaram tim-tim por tim-tim,

a vida ficou triste
com a morte
se apossando de mim,
mas a vida venceu a morte
e me trouxe à vida
pra continuar o meu fim.

arma é pra matar

dela não se retira sementes,
nela não há fontes de águas límpidas,
dela não nascem vidas lindas,
dela não brota o amor,
arma é pra ceifar vidas
e fazer chorar.

amor da vida inteira

a saúde é linda,
é apaixonante,
tem saia justa e espaçosa,
brinca e corre
de dia e de noite
por todos os lados,
por todas as horas,
a vida inteira

mexe com nariz,
com boca,
com dentes,
com língua,
com coração,
brinca e briga
com o corpo inteiro.

efêmero retorno

o poeta morreu
e ressuscitou
coberto por pílulas
e anjos que sopraram-lhe nas narinas
um retorno que não é eterno.

desejo de grandeza

queria ser como o sol,
jovem, velho,
belo, iluminado,
forte, saudável e eterno,
ir e vir todos os dias
sem cansaços
e sem agonias.

o poeta infartou com as coisas das coisas

o poeta não morreu,
foi ali no fundo da vida,
dialogou dias e noites
com os monitores
e voltou ao topo do mundo
para continuar
os versos de uma nova morte.

poeta perdido

não é poesia,
são versos soltos,
feitos na hora,
mas com cara de outrora,
nunca demora
dá um pulo
e vem pra fora,
as vírgulas,
os pontos finais,
as acentuações,
as concordâncias
e os tempos verbais
são os ancestrais
de grandes poemas.

embate poético

quando os poetas
não se curtem na poesia
é
porque são ariscos uns
com os outros
nos versos
e
na política
do dia a dia.

o poeta impresso

poesia é a impressão digital
da mão de cada poeta,
cada poeta imprime
sua marca
em versos
bons e ruins
em rimas que se juntam
ou que nunca se encontrarão.

a vergonha dos poetas à mostra

tenho vergonha
dos poetas bons

que rimam dons
com sons,
mas docinhos
como bombons
pagam seus cupons,
tenho vergonha
dos poetas ruins
que rimam arlequins
com indeterminados fins,
mas são manequins
de botequins tupiniquins.

rima repetida

vagabundo,
imundo,
sujismundo,
infecundo,
nauseabundo,
furibundo,
errabundo,
tremebundo,
defundo,
afundo
moribundo.

naquele tempo

naquele tempo
quando a sede batia palmas,
alguém atendia,
pedia-se um copo de água
e a água vinha fresquinha,
naquele tempo
quando a fome era grande
e alguém pedia comida,
feijão, arroz e farinha vinham de lá da cozinha
e eram na cuia servida,
naquele tempo
os nomes de todo mundo
era seu zé, dona maria
e ninguém era taxado
de ladrão, vagabundo ou “malaquia”,
naquele tempo
o muro não era alto nem baixo,
não tinha vigia armado
fazendo papel de capacho,
hoje em dia
tudo perdeu seu valor,
tá todo mundo acuado,
acho que é falta de amor.

o poeta “maluvidro”

o poeta “maluvidro” trincou-se
na água fria de inverno,
ouviu o que merecia da língua alheia,
és da lama e nos cais da cama, tua prisão tá posta.

sem poesia tudo é uma merda

quando não houver poesia
na volta medíocre ao lar,
quando não houver poesia na forma bestial de gozar,
quando não houver poesia
na mira cega de olhar,
quando não houver poesia
nas mínimas coisas de sonhar,
quando o amor não mais pulsar
no ritmo da poesia
é porque tudo virou uma merda.

as palavras não assustam, assuntam

nem aos olhos, nem aos ouvidos
de seus criadores e credores,
se cabelo ou pelo
palavra arrepia
é por causa de fé debandada ou arredia,

apaga o olho
“pras” cenas de terror e de amor
e verás que as palavras
não assustam, apenas assuntam.

poema viúvo

o poeta não morreu,
socorreu a si mesmo das agruras da vida
e correu pra outro plano
de outro plano qualquer,
do mesmo modo que neste plano
viveu em outro plano,
o poeta nunca estará
no plano designado pela vida
porque sempre estará alhures
do aqui e do aculá.

tirar pérolas de porcos

aos poucos,
os porcos
que lambuzam de lama a américa do sul,
voltarão aos seus “chiqueiros”
para degustarem as larvas
de memórias esdrúxulas pinochetustras.

quintaniano dúvidas

se o mundo
é dos sabidos
e
o céu dos sábios,
de quem é o inferno e o purgatório?
se últimos são primeiros,
primeiros são derradeiros
e derradeiros, pioneiros?
humilhados são exaltados
para pagar mal com bem,
e bem com quê?

outoniano com rilke

as folhas caem
aos pés de si
e murcham de céu a chão,
as folhas caem num ballet que anuncia
que as coisas findas caindo vão.

poema besta

nunca matei passarinho,
meus tiros são de boca,
se via mosca na sopa,

não queria mais,
mas queria fazê-la voar,
salvei soldadinhos da água
e devolvia-lhes ao sol,
das abelhas salvei vidas,
se a mata queimava, chorava,
aos homens e mulheres,
cordeiros e lobos da mesma pele,
minha devoção em versos
porque mulher e homem inventaram tudo.

diálogo desconexo sobre o nome

- oi poeta,
- suado?
- não, surrado,
- na palma da mão?
- não, da mãe,
- olha aqui,
- estou indo embora,
- espere, poeta,
- não escuto mais,
a língua calou.

entre a coisa e o conceito

matéria-movimento,
matéria-energia,
matéria-fluxo,
matéria em variação,
matéria-desestratificada,
matéria-desterritorializada,
entre a essência e o sensível
há uma insuficiência tecnológica
do modelo-forma
que prejudica o modelo-fixo
de rotação e translação do mundo.

tudo pede na língua que fortalece

a língua que falo
é minha?
mal dizer,
bem dizer,
cairé, cairé, nú,
manuará, danú, çanú
se falo mínimo,
sinto que mal sei,
angú, babá,
axé, babaca,

a minha língua
cala, trava,
bagunça, azoeira
vozes além.

poemas de inverno: advertência de um deus III

calor de colo aquece, abranda
e o valor, serra acima,
vai além da candura,
vem,
saboreia os segundos que escorrem pelos sentidos
e desdiz em língua
afetos de feto a teto,
vem, tempo envelheceu
e está mais veloz,
tudo passou,
parece que foi ontem, mas já faz tempo.

a ansiedade

calma, amanhã, no inclusivo não
tem confrontos de gerações e de adorações,
deixe quieta a inquietação,
a moça que agita a rua,
agita você também.

amanhã

amanhã vou fazer barba,
arrumar cabelos, colocar a roupa mais bonita e sair para ver o
sol,
amanhã estarei mais sábio, mais bonito
e mais viril para falar muitas línguas
e representar muitos gestos,
amanhã estarei mais veloz que o tempo
para estar alguns passos à frente,
amanhã terei um transporte rápido como o som
para poder ultrapassar palavras ditas,
amanhã serei eu
para ir comigo ao encontro da felicidade.

quando ele chega

quando chega a noite
após o trabalho e o dia,
após passear por bares, lares, ruas ou avenidas,
após jantar e boas leituras
me preparo para a chegada dele,
um bom banho, sabonete, shampoo, condicionador, hidratante,
colônia ou perfume,
tiro a roupa da farrá e da guerra,
descalço-me,
dispo-me

e espero lentamente o momento
em que ele penetrará meu corpo e dominará minha realidade,
deito-me e com ânsia aguardo a sua chegada,
ele demora e dentro do quarto
me guardo todo embrulhado nos lençóis,
mexo e remexo-me enquanto ele não chega,
de repente, sem cheiro, sem cor e sem forma ele se aproxima
e se apossa de meu corpo desarmado,
minhas pálpebras já pesam,
a língua embola e não diz coisa por coisa,
o corpo fica mole em seus abraços
e mexo e remexo-me em barulhos de cama,
sono é seu nome e chega forte
e se apodera de mim
num golpe fatal que me faz desmaiar e sonhar.

os sonhos de cada dia

carros,
casas,
estabilidades,
drogas e etílicos
engolidos
pela magia dos sonhos
do sono da fadiga de cada dia.

a segunda mãe

foi-se a mãe, ficou a mão
com a mesma delicadeza,
afaga,
acaricia,
alisa cabeça,
lava corpo inteiro,
dá comida na boca,
põe música para ouvir,
prepara a cama,
lava e passa,
faz cafuné,

a mão é uma segunda mãe exemplar.

narciso cegou

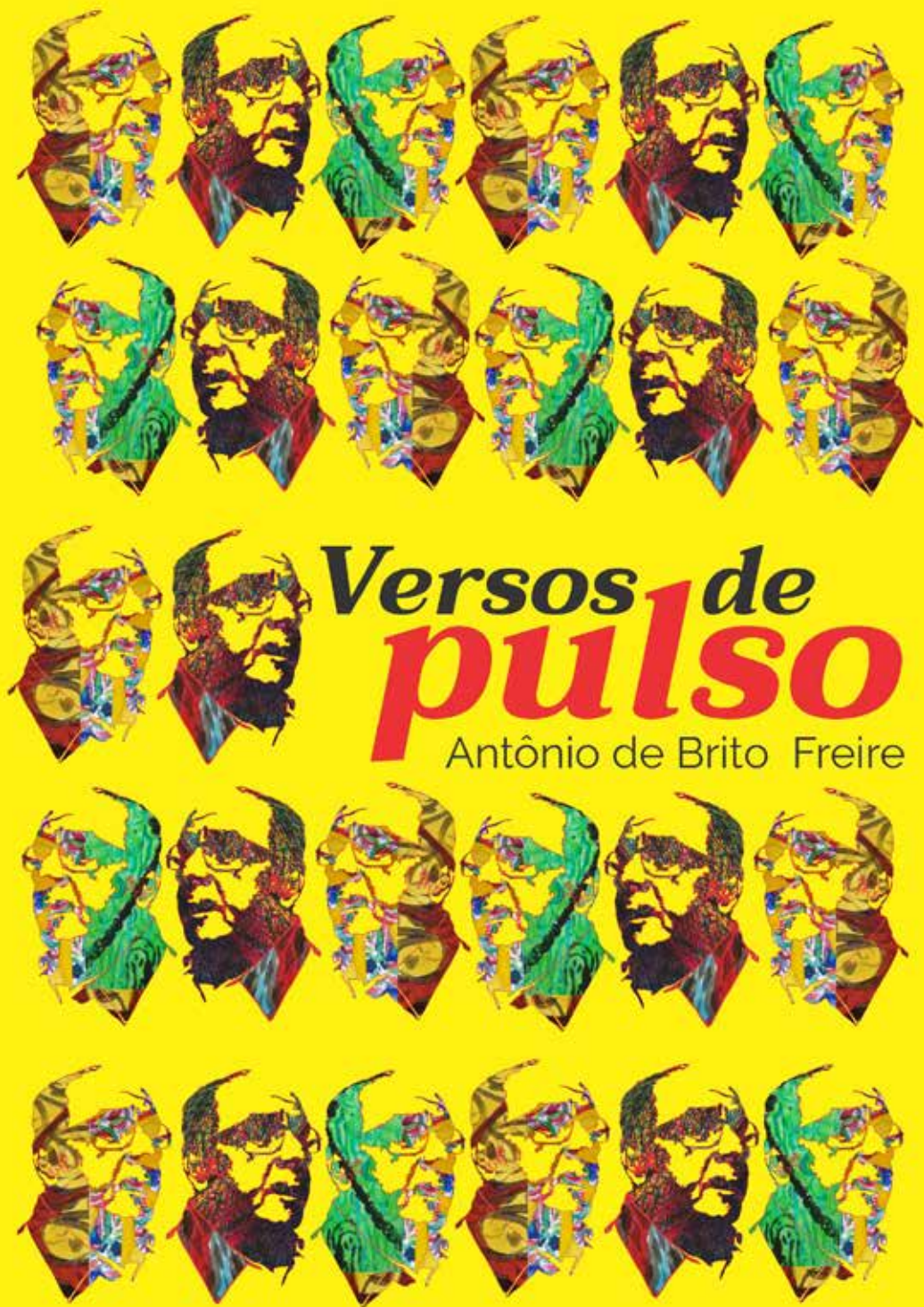
perdeu de vista
sua própria beleza,
mesmo assim,
agarrado à memória
continuou o todo validoso de sua proeza.

do fundo do poço, a candura

do fundo do poço
as farpas
se enamoram nas rugas de rostos
num certo desgosto exposto,
se tudo ruiu
com a alegria sumida,
com a empolgação banida
ou com a admiração fingida
é porque a ruína era pano de fundo do poço,
isto posto,
posto entre farpas e marcas do amor
que se espinha entre ter ou não ter candura.

estes tempos

enamoraria o tempo
para despi-lo em mim
e atracá-lo em cada músculo meu,
enlaçá-lo em cada pelo meu,
transtorná-lo em minha própria pele
e ao me arrepiar sorriria com a vida
e diria à felicidade que qualquer hora é hora
para se encantar com o que encanta.



Versos de
pulso

Antônio de Brito Freire

Vozes da multidão de nomes

Dos poemas feitos na hora, e publicados, em primeira mão, no face book, extraiu-se estas expressões e, sobretudo, impressões humanas, de alguns e algumas, até já encantados(as), mas que deixaram suas marcas presentes, nesta rede social, em relação aos versos aqui lidos, curtidos, compartilhados, comentados, em expressões de corações (amei), de raiva, decepção (aghh), de curtir (com xis positivo), de admiração e reflexão (uau), de tristeza (um rosto chorando) ou de incentivo (força).

Estas são marcas que demarcam estas participações infindas de umas e outras que entraram em consonância com a concepção que comumente temos da leitura que deve provocar a intervenção do leitor em suas marcas rascunhadas e que revelam esta intervenção na interação que alterna rimas e termos com termos fora da arca semântica do poeta.

Das vozes que se levantaram e se expressaram, elevando o poema ao topo do rolo compressor da tela que expõe tudo a todos, recorta-se algumas em frases inteiras ou em fractais ou que outras vezes, emer-

giram apenas em palavras soltas, mas que movidas pela força e pela energia das expressões e manifestações em si daquele momento ímpar para cada um e cada uma.

Recorro aos pesquisadores que retomam a força desta multidão numa vasta completude de marcas que se assumem pessoais, mas que são confortos dialógicos para todas as multidões.

Estas expressões abaixo não romantizam, mas exorcizam e constituem opiniões e curiosidades pessoais. Elas sempre se repetem, por muitas vezes, e parecem muitas vezes, soar como jargões ou frases feitas, embora expressem a dedicação àquela janela num instante qualquer de suas vidas pulsantes.

Houve uma dedicação aparente e uma atraente participação que merecem aqui ser ressaltadas como uma semiótica possível da interpretação dos signos que apontam os significantes para que cada leitor encontre seus significados...

“Lindooo!”, “Bota pra compartilhar”, “Gostei demais...”, “bom, muito bom”, “Ficou demais”, “Deixa eu compartilhar”, “Roubatilhando”, “Obrigado pela criatividade do momento”, “Gostei das rimas”, “Adorei o ritmo”, “Vou musicar”, “Gostei desse ritmo”, “Que demais”, “Adoreeeiii”, “Vai tá no show da frente trovadoresca”, “Vai tá na abertura do festival de inverno”, “Vai tá na ufçg na semana de...” “Que lindo”, “Do meu amigo poeta”, “Fantástico”, “Esse é Doido demais”, “Graande poeta”, “Verdade, o algoz sobrevoa”, “Com cereteza”, “Isso mexeu muito comigo”, “Deus abençoe e te proteja, poeta”, “Fértil, poemas, frutos, vida”, “super, sucesso”, “muito bom”, “isso ai não é o sol, é apolo heheheh”, “legal demais”, “boas ripadas”, “adoreiii”, “que beleza, poeta, muito obrigado, abraço amigo”, “que pancada”, “extraordinária”, “grande mestre”, “outro nível, parabéns”, “são plausíveis aqui as vias livres de mão dupla”, “perfeitoooo”, “dez”, “fanatismo do mal”, “palmas”, “triste”... “demorou, uffá”, “amei, vou compartilhar”

“vivaa”, “uma tristeza”, “vamos à luta”, “explêndido”, “adoro seus poemas”, “um artista de palavras”, “Salve, salve, poeta”, “vlw britão, que poema massa”...”ai simmmm”.

Estas expressões sempre se repetem, mesmo por expressões, em pontuações diferentes, uns usam ponto final, outros vírgulas, usam exclamação, reticências, ponto e vírgula e outras vezes nenhuma delas, cada um usa sua própria vida para se expressar e embora as expressões se repitam a exemplo, de lindo e bravo ou parabéns, acabam sempre por enclausurar-se nas suas próprias existências numa cadeia de sentidos diferentes a partir das pontuações usadas.

Existe ainda expressões que se manifestam em ícones que correspondem às mãos apludindo...a gifs que expressam multidões dando nota 10...enfim são muitas as expressões destes transeuntes cibernéticos que marcam e demarcam suas presenças nos versos que aparecem a seus olhos.

a quem plantou, deu luzes, fez livro e praticou o bem...

aos os amantes da terra...

a eles dois e elas duas...

às fontes de minha paixão...

aos irmãos de pele, partido, leituras, músicas, times e candidatos...

De frente e de costas

Se frente e verso, de frente e de costas, eram amostras postas para se entender a chegada e a partida, eis a saída de uma vida sem fim e sem começo.

O começo pode ser um tropeço para os passos de uma caminhada doída e sofrida no dia a dia de tudo que fará ossos e peles mais fortes e abundantes na via do querer viver para sempre.

Frente e verso podem ser avessos a vestir-se ou desnudar-se de sentidos que não fazem sentidos nem indo nem vindo...nem chegando nem partindo.

De frente as “encaragens” são menos tensas porque há peito, olhos, bocas e narizes, de trás, há outros segredos que os degredos explicarão e darão novos subtefúgios para novas “encaragens” de frente e de costas...as costas guardam segredos da partida, da ida sem retorno ao lugar comum dos mais incomuns.

Frente e verso são dois compostos conglomerados que dizem um da presença e outro da ausência.



Versos de Pulso



não consigo “me desligar” do presente

se penso no passado, eis-me no presente,
se penso no futuro, eis-me no presente,
se penso no presente, estou no presente,
estou bêbado do porre do presente,
não durmo,
não paro de pensar,
não paro de trabalhar
e o botão que “me desligava” do presente quebrou
e não há técnicos aqui por perto para consertá-lo.

no meio da noite

hora de criança dormir
antes de adulto acordar,
antes do adulto sorrir
era bom no meio da noite sonhar,
um dia adultos dormiram
antes da criança deitar,
a criança ficou sozinha
e com medo dos monstros
começou a chorar.

ciberdúvidas

o olho da cara
cansado de cílios e pestanas
foi espiar profundo
e viu que deus e o diabo
bebiam vinho acima de todos
e que o humano bebia sangue de si mesmo
em nome dessa nova aliança,
o ouvido cansado de ceras
pegou seus tímpanos e se mandou
para escutar silêncio adentro
os conchavos malditos entre o bem e o mal,
o nariz cheio das próprias narinas
foi farejar o mundo e cheirou de tudo
e sufocou-se com o odor da mata atlântica
queimando com índios e seus bichos dentro,
a boca enjoada de dentes e língua
mastigou palavras e bradou frases desconexas
sobre amor próximo ou distante,
o tato cansado de dedos e unhas
saiu por ai apalpando balas
e pegando em armas.

o lamento do violão e o desencanto do “rife”

que “rife”
que nada, “caba”,
respeita minhas cordas em meu braço,
nunca te abraçarei,
respeita minha boca
jamais te encantarei,
cuidado com meus “trastes”
traste,
nunca nos afinaremos,
em serenatas
nunca irás
porque andas para trás,
minhas “tarraxas”
não são gatilhos
para teus dedos sem trilhos,
me solta, mãos do mal
e pega teu “rife”.

o romance de velocidade com o tempo

pulou mundo
pra pegar brilhante
e se enfeitar,
pulou “júlio”
abraçou agosto
bateu asa
com pés no que virá.



desmerecidos do mundo

eu,
você,
nós.

de que adianta tanto sim e tanto não?

pelo vinho e pelo pão?
teu santo
é teu próprio pranto
e teu canto
tem uma melodia
que não embala
nem abala o mundo,
és apenas uma caixinha de doenças
que guarda sua própria dor em silêncio.

ninguém conhece ninguém: um romance alto astral

ninguém olha pra ninguém,
ninguém sorrir pra ninguém,
ninguém abraça ninguém,
ninguém diz palavras lindas a ninguém,
ninguém beija a alma de ninguém,
ninguém ama ninguém,
ninguém conhece ninguém,
ninguém agora é de ninguém.

o rico é uma rocha, só perde pra morte

vem o frio, o rico se aquece,
vem a fome, o rico se alimenta,
vem a sede, o rico tem piscina,
vem a dor, o rico tem medicação,
vem o amor, o rico tem orgias,
vem a saúde, o rico tem planos,
vem a saudade, o rico tem voo,
vem o aumento, o rico tem poupança,
vem o trabalho, o rico tem escravos,
vem o salário, o rico tem herança,
vem o estudo, o rico tem mesada,
vem a classe média, o rico tem mídia,
vem o pobre, o rico tem o rico,
vem a morte, o rico tem a rocha feita de concreto,
o rico é uma rocha, só perde pra morte.

a mentira não tem pernas curtas

a mentira tem pernas longas,
corre léguas em segundos,
não dá tréguas a ouvidos por dias a fio,
pula ruas a passos largos
burla sentidos
de direções hilárias
e de digressões hidráulicas,
a mentira tem pernas longas
e sem delongas

se alonga com pernadas na ponta de línguas fiadas
e esbugalhadas com o que tá posto,
a mentira tem pernas longas
e a passos rápidos se delicia,
é mentira que a mentira tem «perna curta».

entre heráclito e bauman

o menino de outra hora
bebia a mesma água
que regava a planta,
que fazia a comida,
que lavava roupa e louça,
que tomava banho,
o menino de agora
acordou em “tempos líquidos”
em que já não se bebe a mesma água
que rega a planta,
que faz a comida,
que lava roupa e louça,
que toma banho,
o menino de então
segue com sede,
grudento e escorregadio.

lugar nenhum

ninguém fala nada,
ninguém diz nada,
ninguém fez nada,

ninguém faz nada,
ninguém foi,
ninguém veio,
ninguém é ninguém,
nessa vida
ninguém é de ninguém,
por isso há tantos ninguém
entre tantos ninguém
em lugar nenhum.

automóvel

vou indo
como quem vem vindo,
marinheiro de primeira miragem
que se encanta e desencanta
com detalhes vãos de um dia após outro,
vou
indo
findo.

do antigo testamento ao novo testamento de bauman

deus criou o céu, o homem criou o avião,
deus criou adão, o homem criou o ladrão,
deus criou o sol, a lua e as estrelas,
o homem criou as companhias de energia,
deus criou a água em mares, rios e açudes,
o homem criou companhias de água e esgoto,
deus criou a terra seca,

o homem criou a indústria da fome,
deus criou peixes, aves e bichos,
o homem criou o açougue,
deus criou jardins com flores e frutos,
o homem criou a feira para vendê-los,
deus criou eva,
o homem criou a erva e alucinou-se.

dos espíritos do dia e da noite

o sol desperta
e eis a oferta,
morrer no corre da esperança,
a noite descamba e eis a ópera do cansaço: sonhos e mais sonhos,
a felicidade escorregadia
e o carinho arredio
já não são os espíritos da noite
nem do dia em tempos de espíritos fugidios.

depois de tudo isso

quando os senhores,
doutores e analfabetos
de agora e de ontem
forem embora,
o que será de nós?



o que nos olha, não é o que vemos

tudo que nos olha
não é tudo que olhamos,
vaza do canto da visão
de cada coisa uma miragem
que é própria de cada olhar,
o mundo não é o mesmo para todos os olhos,
nem as coisas das coisas dos olhos
são as mesmas para todos os olhos.

dança do vento

nas panelinhas não lhe coube,
nas paneladas nem pensar,
dos ingredientes de feira
cozinhados no centro
ou na periferia,
nunca foi tempero,
nos cardápios de coisas finas
jamais “esbugalhou” os olhos,
nas panelinhas não foi fervente,
nas paneladas nunca foi ingrediente,
das panelinhas e paneladas
exala o cheiro de um tempero “especial” de malandragem.

tudo corresponde

quando se sente fome,
 basta comer
 que a fome passa,
quando se sente sede
 basta beber
 que a sede some,
quando se sente sono
 basta dormir
que o sono vai embora,
mas quando se ama,
 tem que dizer,
 tem que provar,
 tem que sofrer,
 tem que gozar,
quando se ama
 basta sonhar
 porque amar
 não é em vão.

tá pensando que sou o que? uma carteirada

não sou cachorro,
 não sou gato,
 não sou leão,
 não sou macaco,
 não sou elefante,
 não sou planta,
 não sou fruta,

não sou rio,
não sou mar,
não sou lua,
não sou sol,
sou algo pior,
sou homem,
sou mulher
e mato por um motivo qualquer.

a m-água não corre só para o mar

m-água arrasta areia,
arrasta serras,
arrasta tudo
do mundo que tá ficando sozinho,
a m-água segue firme
para o rio,
para o mar
ou para o esgoto.

nada é nada neste mundo

nada seria nada neste mundo
se o pobre ficasse em casa,
não haveria esparramado pelo chão
tanta compra,
tanta planta,
não haveria o grito estridente
do agoniado querendo o vintém de alguém,
não haveria vassoura varrendo pés sujos,

não haveria congestionamento humano
ombro a ombro
nos metrô e estações,
não haveria tanta cor e odor
no olho cego do olfato empinado,
se o pobre ficasse em casa,
o mundo seria silencioso,
sujo,
ganancioso,
sem cores
e o olho da elite estaria fincado
definitivamente
em seu próprio umbigo.

dúvida dolosa

como pode alguém
que é alguém
ser ninguém?
entre alguém e ninguém
abisma-se uma dúvida dolosa.

um dia desses

saio por aí
despido de mim
e de todos,
sem carne,
sem osso,
sem lembranças

e sem humanidade,
um dia desses
saio por ai nú
perdido tim tim por tim tim
mostrando toda minha vergonha.

o rico daqui não é rico é um miserável

o rico daqui é uma vergonha,
é o lucro em cima do prejuízo de todos,
é patrão de carrões,
é pai de roupas de marcas,
é irmão de restaurantes caros,
é tio da miséria alheia,
é primo do próprio umbigo,
é avô da indiferença,
é neto do descaso
e só é real aos olhos de quem não tem nada,
o rico daqui é uma mentira em tempos de poucos lucros.

desalentados, desanimados, desencorajados

sem casa,
sem grana,
sem amor,
comem e bebem mínimos prazeres
de auxílios emergenciais,
mas desperdiçam sua arma mais forte, o título.



homem brabo

juro que em tempos atentos
devorarei teus olhos e tua língua,
te deixarei sem a luz do mundo
e sem o sabor da vida
por segundos a fio
até transpirares amor ao próximo.

o frio conforme o cobertor sujo

o pobre ficou rico
e chorou inconsolavelmente
quando viu as pessoas passeando na rua,
o rico ficou mais rico ainda
e chorou quando viu o pobre
ombro a ombro com ele,
o rico que ficou mais rico
matou-se quando se viu pobre ao relento.

a justiça de anjos e demônios tarda, mas não fala

no fogo do inferno
ou saboreando o manjã servido no paraíso,
a justiça matará a injustiça
e vingará os desvalidos dela mesma,
a injustiça será coisa de pais e filhos
para sempre
e para sempre,
amigos e conhecidos
serão vítimas de injustiças.

poema da montagem e desmontagem de tudo

no final do sopro de tudo,
tudo será silenciado.

rima em alta velocidade

1 ladrão roubou 1 carro
e fugiu na contramão,
a polícia vinha atrás
seguindo a mesma direção,
o ladrão acelerou
e a polícia também,
o ladrão bateu de frente
noutro carro de alguém,
saiu ileso o ladrão,
saiu ilesa a polícia
e só morreu o cidadão
que não vinha na contra mão.

gente de circunstâncias

gosta de quem dá mais,
opta por bolsos de valores,
escolhe coisas de última gestação,
gente de circunstâncias
gosta de cavalos potentes,
mas não acelera o amor dado há pouco,
gente de circunstâncias é ingrata.

sonho capitalista

ter um escravo para a hora do trabalho,
ter um escravo para a hora do lazer,
ter um escravo para a hora do cansaço,
no final, o que acontecerá
com o patrão e com o escravo
pintados pelos picaretas?

lugar ninguém

extensão pouco importa,
população, menos ainda,
minérios, aí sim,
ouro, aí sim,
pedras preciosas, aí sim,
a floresta, pouco importa,
os rios, pouco importam,
os bichos, pouco importam,
lugar nenhum ninguém governa.

notícias do patrão de cá

patrão, a mão que te serve
é uma verve de vias justas,
se me arrancas um dedo
seu degredo passa a ser o grande segredo
de uma alma mutilada,
patrão, o pão que não tá na mesa,
nem tá no bucho,

pode tá no teu lixo
junto com o bicho
que abocanha teu próprio umbigo.

o dia e a noite tudo tem

durante o dia
tem o dia,
o café,
a fé,
o sol,
as meninas,
os meninos,
os carros,
os sarros,
durante o dia
tem o trânsito,
o trabalho,
o atalho,
o almoço,
o alvoroço,
durante a noite
tem a lua,
as estrelas,
a amada escondida,
o frio,
o cio,
tem o fio que acende e apaga luzes,
tem o medo da dor,
tem a solidão
que quer amanhecer com o dia.

correria

correr
romper
sofrer,
a tríade da solidão urbana.

every time

or, orrr kut, gut gut
whats, whats app, ap?
ins,
ta, the gram, gramas
skype, escape
foto, foot
shop, she
foto, he
shop? shoes
twitter, tuitter
my god, “god is ded?”
the men is ded?

algo após algo mais

quem quer ser apenas erupção de sangue em veias?
somos coágulos de algo que se esvai,
nosso riso titubeia em algo após algo
por entre dentes, lábios e lábias,
somos apenas margens que se abismam,
mas se já está posto o mundo
em alegrias ou tristezas,
o que resta para inventar silêncio e novas palavras?



das tonturas humanas

mãe joana?
diga meu mininim,
tô mei tonto,
oxi, e mô fi bebeu pinga?
não, mãe joana,
oiei pra baixo e vi a terra perto deu demai
e oiei pra riba e vi o céu longe demai,
oxi, ontonce num oie
nem pá riba
nem pá baxo
meu mininim,
oie lá pá fente,
até adonde a vista num aguentá mai,
tá certo, mãe joana, vô oiá.

as vozes que ainda dirão

desculpe,
é preciso vozes
para falar,
apófase,
vozes imparcial e parcial
dessa multiplicidade
de um interminável “monologismo”,
nada parece
com nada
que se parece,
contudo,
são metáforas
da travessia de qualquer fronteira humana.

da insônia

pai vei,
diga fi,
o siou drumiu bem?
drumi sim, fi
e ocê?
drumi nam,
tian um vuito
dentodeu mei aperriado,
mai, mô fi,
diga pai vei,
ocê se aperriôu cum isso?
foi sim, pai vei,
e os zoi num pregou mai
pruquê fiquei oiando o vuito passar pá lá e pá cá dentodeu.

verbos perdidos

breve vulto meu,
memória vaga que vaga franca por ai,
beba, vulto meu,
fonte da fronte
do escárnio,
arde, carne minha
e no maldizer
de cada dia adia teu fim.

a casa de mãe joana

mãe joana,
dizem que tua casa é bagunçada,
sem moral, desmantelada
e abandonada,
mãe joana,
na esquina homens denigrem teu lar
e tudo o que é bagunçado
dizem que é igual à tua casa,
pai joão,
não estás isento de tal desgaste,
a tua casa,
dizem que também é bagunçada,
desmoralizada,
desmoronada,
desgovernada,
pai joão,
a casa de mãe joana
não é nada disso,
ela é linda e bem arrumadinha.

a festinha de “reis”: da nudez do natal

pai jáo?
diga môfiin,
de quem é essa dinheirama toda, ali na televisão?
arra, e eu lá sei, fi,
de noi é qui num é,
pai jáo?
ou quiria só um tiquin,
pru mode eu compá uma roupinha praieu,

tem nada nam fi,
isperem um pouquin mai,
quando chegar natá,
ou compo,
mai pai jão,
o natá já passou
e
ou quiria tanto ir na festinha de reis bunitim...

acho

acho que é um “orquestraço”
ou um fracasso,
mas
acho que é panelaço,
de aço,
não há mais panela de barro?
será que faço
a comida hoje?
acho que é panelaço
de panela só.

o celular

o celular está enfermo
e pode morrer a qualquer momento,
não aceita mais recargas
e o carregador não se conecta mais,
o celular
não pisca mais,
não toca mais,

o celular está enfermo
e a qualquer momento perderá a conexão com o mundo.

deus

aos deuses,
deus
deu-se ao mundo,
aos deuses
deus
deu-se.

o que fazer?

o que fazer, senhor?
como carne ou mastigo insanidade?
o que dizer, senhor?
vou silencioso até o barulho
e volto cheio de entulhos na alma?
para, alma, calma,
palmas não servem de nada
para um espetáculo sem cenário
e com atores
abaixo da linha da grandeza.

o relógio

mal dito
dos pés à cabeça,
o “homi” quer paz
porque tá dando luz à vida.



a ovelha desgarrada 2

senhor, és meu pastor?
tudo é viável, senhor, da ponta do nariz
até
o
dedão
do
pé
num voo rasante em si mesmo,
tudo mergulha em signos inviáveis,
ali
e
no
abismo
de onde te consumo.

a ovelha agarrada

jesus é minha ovelha
e nada me faltar^á,
a minha ovelha tem lã, tem carne, tem leite, tem queijo
e está no pasto sobre meus descuidos,
jesus é meu condor
e mais alto me elevará pastor desgarrado.

adoração

a dor por tudo
é insana adoração,
dor em ação
é doação,
adorar
há de orar?

a tessitura de ter cintura: papel A4

quando criança
criava traços
em troços,
em papel,
em compassos pueris
e pronto: navios, aviões, chapéu de soldado,
tudo de guache amarelo
que era elo
de movimentos infantis
que embolavam mãos e cores
no papel de bodega
que entrelaçava dedos
como alianças,
agora
cria traços na idade que lhe devora
e a hora diz que é um rascunho da vida.

refletores

não refletir o rosto
parece desgosto
e se não for rosto,
talvez, a vez, seja do sorriso,

desgosto, gosto e rosto
são unânimes em quase tudo,
se não importam mais holofotes
nem microfones,
esfola a goela adentro
e
grita que não quer se visto.

das f(r)ases soltas

tratar número
é pior,
cuidar de árvores que se talha
nem se fala,
reconfigurar figura geométrica,
recortar,
modelar,
bricolar
é demais,
número dado,
cálculo à vista,
número numerado,
resultado a prazo,
oh mundo
“concentraci^onário”
numerante,
numerado
e
numeroso, tu és a prova exata e infinita da vida.

quantos paus

com quantos paus se faz uma jangada,
uma cangaia, uma casa,
um jardim, uma rua,
com quantos paus se faz uma canoa,
um navio, um avião,
um foguete,
uma televisão,
um computador, um celular,
uma geladeira, um fogão,
um transporte?
com quantos paus se faz uma uma prece?

de dedo em dedo dado

o dedo
dedura
dedala
indica
aponta
cutuca
media,
polega,
toca,
belisca,
anela
e
aliança.

os nomes ganham nomes

poderia ser só nascer,
dormir, comer, beber, acordar e morrer,

mas esta imensidão ao redor de tudo
diz muito além de cada um,
cada um
é encanto e desencanto
aos olhos alheios
na romaria de nomes
rumo a outros nomes.

balas truncadas

paranaê,
paraná,
paraê,
perai, para né,
paraná,
nós atiramos tinta guache
e atacamos com flores
e palavras de ordem,
eles com bombas de efeitos moral,
spray de pimentas,
balas de borracha,
coturnos,
cassetetes e armas de fogo.

de que adianta perna

se mundo era pequeno
para pernas de ossos, carnes e nervos,
agora é menor ainda
para pernas de sonhos grandes,
se tudo transpira,
então pira porque a sina é a língua
nessa escassa alma
que pena aos pés de tudo.



tu, do nada

tu, do nada,
és tudo ou nada moderno
ao olhar apenas o próprio umbigo,
a casa está alhures,
mas a pele algures geme.

quando

quando de mim
nada mais souber,
espalharei cartazes
com meu rosto
para estampar desgosto
e o gosto por tudo que vi e vivi antes de sumir.

primeiro de abril

hoje mentiria vezes
para desdizer verdades
que minto o tempo inteiro,
saudade,
distâncias
não definem verdades e as mentiras comportam o dia.

longe bem perto

penélope,
telêmacos,
odisseus
tão longe,
mas impregnados em nossas entranhas.

a ira de mim

na ilha de mim,
a cada passo,
o fim aponta novo início,
se enguiço o tempo
em pernas sobre pernas
que eternas lembranças
abrandarão a ira em mim?
se grito
e não me escuto
esgoto-me,
esgoto-me
numa avalanche de coisas boas e ruins.

abduzido por si mesmo 2

de canto a canto perdido,
sem céu
queria ir
além da sua sina
com um transporte
sem ser de latas,
nem de ferro,
nem de fibra,
nem de carvão,
nem de papelão,
nem blindado,
nem avião,
nem navio,
nem disco voador,
mas foi no transporte de carne,

osso, pele, pelos e sentimentos,
sem velocidade,
sem chão.

quero uma coisa

não é um abraço,
um beijo,
um queijo,
não é sexo,
não é palavra,
não é dinheiro,
não é ser primeiro,
não é carro,
não é casa,
não é causa,
não é santo,
não é pranto,
não é emprego,
não é desapego,
quero uma coisa,
mas não sei o que é.

o que posso dar?

toma,
algo mais lúcido que “lucidade”,
pois há abraço antigo
de pé a pé de ti,
se calo em angústias
é porque é só isto
que posso dar.

adeus

levo em minhas costas
na via da vida,
agonias opostas,
elevo minhas mãos
na altura da insensatez dos que foram injustos.

o tempo é estranho

ora bebe,
ora baba,
ora veloz,
ora lento,
ora voraz,
ora viril,
ora bem novinho,
ora bem velhinho,
ora bobo,
ora sábio,
ora cabelos pretinhos,
ora branquinhos,
o tempo é estranho
e nós sua estranheza mais íntima.

o inquilino do mundo

aqui se faz, aqui se caga,
não paga as contas da luz do dia,
não paga nem o ar que respira,

não paga a água que cai do céu,
não paga o condomínio do mundo,
se deita com a noite e não paga,
se acorda com o dia e não paga,
o inquilino do mundo
segue inadimplente com a vida.

a via crucis de um homem perfeito

jesus nasceu
à luz da pureza, mirra, incenso e ouro,
ainda menininho fugiu da terra natal,
rumo a lugar nenhum,
jesus ainda mocinho ficou sozinho
conversando com adultos,
depois partiu novamente
guiado por desatinos de vultos,
jesus voltou homem feito
vestido de poesia,
acompanhado de medicina,
adornado de alquimia
e filho da filosofia,
curou vivos,
ressuscitou mortos,
jesus, homem perfeito,
teve o sonho desfeito
nas mãos do carrasco e foi assassinado.



o perfume guardado não é pra venta de qualquer um

ela guarda o perfume importado
às chaves secretas
das portas do encanto de seduzir,
não usa o perfume
em ocasiões “mediócras”,
bem ali, um vagante vizinho
de venta requintada e empinada
é indigno do aroma da fragrância guardada,
adia-se, dia a dia, o “espalhamento” do tal cheiro importado
que foge, sorrateiramente, do frasco bonito para as narinas do nada.

nietzsche na via crucis da carne viva

era pra chorar,
há muita covardia do sangue legitimado
ao sangue dos filhos do mesmo manguê,
era pra fugir,
afinal, ficar pra quê,
se não há razão no íntimo de cada um
e a vida de cada um é mera vazão da percepção estúpida
de poder comer do ruim e do bom,
de poder beber do péssimo e do pior,
de poder dormir bem e ruim,
era pra delirar
do descanso do coma à gana
de uma medíocre compreensão,
era pra gozar,

mas o gozo
é algo individual,
era pra sorrir,
mas tudo parece em dor,
era pra se envergonhar
de todos
pelos valores ofertados às moças prostituídas
e às criancinhas assediadas.

do jogo dos sonhos

nunca foi uma rainha,
mas sonhou a vida inteira
passar por entre as torres
de cavalo com o rei
e ter a benção dos bispos,
mas só os peões se babavam por ela.

a depredação dos números

se enumera número,
mas não se nomeia nome,
um,
dois,
os números reclamam de suas obscuridades por serem exatos.

tudo esvaziado

o olho fixo fitou boca seca e consultou,
o que é?
a boca colada indagou língua calada,
o que é?

língua inerte mexeu-se, foi fora, foi dentro,
lambeu dentes e balbuciou,
o que é?
os dentes escovados
rangeram-se aos ouvidos,
o que é?
os ouvidos encerados em barulhos
sussurraram ao pé do cérebro fantasioso,
o que é?
o cérebro frio, calculista e cheio de razão
olhando fundo os sentidos inquietos, bradou,
sei lá!!

porre narcísico

olhou para a barriga
e encantou-se dias após dias
com a pequenez do umbigo escondido,
observou por horas a fio
os joelhos e encantou-se com as marcas das rezas feitas
para seu próprio bem,
ficou meses enfurnado em seus próprios passos
admirando os pés e as flores no seu caminhar,
quando levantou a cabeça para olhar o mundo
com seus encantos e desencantos
narciso ficou tonto, caiu e encantou-se.

vitamina oscarwildeana

a grandeza da irreverência
é encarar a virtude humana em suas desventuras,
mas se nada é para sempre
por que não abraçar o poeta bêbado
e abandonar o bêbado que não é poeta.

o sepultamento do pequeno burguês

o celular dele era ótimo,
mas se enforcou no pé do “cipa” de tio sam
pela marca da maçã já mordida,
o carro dele valia uma grana,
mas se esganou por 1 + potente com mala-maior,
tinha roupas guardadas e mofadas,
mas se desnudou de corpo inteiro em público
pelas marcas da tevê.

o mundo entristeceu com suas próprias coisas

antes, a morte mandava notícias
por rádios ou jornais,
agora é ao vivo e a cores
e desliza em pontas de dedos
nas telas de uns e outros,
antes o céu era o ápice da fé,
agora a fé é o inferno de cada céu
num clic mundano qualquer,
antes a fome era notícia
da piedade do disse me disse,
agora os olhos esbugalham-se,

antes o ódio e a inveja
eram coisas de doídos,
agora crimes afiançáveis de doidos,
a rede ninou o anti-social
e agora o mundo minou a dor
e anda sisudo e triste,
o mundo entristeceu com suas coisas.



querem asfaltar o mar

querem asfaltar as ondas,
os mangues,
os corais,
as areias
e os seres do mar onde nadarão?
querem queimar as matas,
os bichos,
os índios
e os seres da terra como viverão?

quanto vale o que não tem preço

o pão de cada dia
virou pau nas costas do pobre padeiro,
o amor ao próximo
virou ódio pródigo de cortes e tiros,
o aperto de mãos
perdeu a impressão humana,
o abraço deixou os braços deslocados
de solidariedade,
o beijo não tem lábios nem língua,
tem lábia e léguas de mentiras,
a transa é um entrançado de gestos
e costumes indigestos,
o olhar petrificou-se em teclados
de problemas virtuais,
o que não tinha preço,
agora está estampado na vitrine da elite
à venda pelo preço da alma.

o fruto da árvore de cada coisa

o destrambelhado é perverso destrambelhador,
o corrupto é fruto do maldito corruptor,
o bandido é filho do maléfico malfeitor,
o assassino é resultado do impiedoso matador,
o endividado é fruto do famigerado agiota,
o desaparecido é fruto do sequestrador,
o miserável é fruto do explorador,
o homem com mazelas
é fruto do homem e da mulher
que plantaram o fruto da árvore de cada coisa.

o dia em que dinheiro comprou o mundo

o mundo devedor
não tinha com que pagar,
dinheiro viu a calma
do mundo devedor
e comprou o som em altos decibéis
para estourar os ouvidos
do mundo devedor,
dinheiro comprou o vento e sufocou as narinas
do mundo devedor,
dinheiro comprou o ar e colocou tudo
dentro de balões de oxigênio asfixiando os pulmões
do mundo devedor,
dinheiro comprou o fogo e queimou matas e pelos e peles
do mundo devedor,
dinheiro comprou a água e a aprisionou em garrafas pets e em botijões

e instalou a sede e a seca
e matou rios e bichos
do mundo devedor,
dinheiro comprou o céu e escondeu o azul,
dinheiro roubou deus, as nuvens e o horizonte
do mundo devedor,
dinheiro não tinha coração no peito
e achou um jeito de comprar todos os batimentos do coração
do mundo devedor,
o mundo devedor à beira de uma parada cardíaca
curvou-se aos pés de dinheiro
que pomposo e faminto
comeu o coração
do mundo devedor,
o mundo devedor ruiu e dinheiro pisoteou a cabeça e a alma do
mundo devedor.

o patrão e o trabalhador, sócios do capitalismo

tua ingratidão maior, patrão miserável,
é o trabalhador não votar nas opiniões sindicais
e não ser votado por inadimplência,
tua perversidade maior, patrão imprestável,
é o trabalhador não ser sócio do sindicato
por não ser registrado,
tua perversidade maior, patrão miserável,
é o trabalhador fugir da guarda federal
por causa do transporte irregular,
tua ignorância maior, patrão indesejável,
é o trabalhador ter sua vida política irregular.

golWerme

Após dias de palavras e mais palavras, acabo de criar a mais moderna invenção do mercado automobilístico, ele é econômico e pode trazer uma economia de três trilhões de bobagens. A mais moderna versão de minha invenção já está disponível no mercado, vá a uma concessionária e adquira o seu golWerme.

golWerme é um carro perfeito,
cabe ministros e secretários com defeitos irreparáveis,
os bancos acomodam bundões,
a direção é hilária, não tem rumo, vai à deriva,
os pneus são carecas e desviantes, deslizam com a elite,
chega a alcançar uma velocidade inerte de 4 anos, amiúde,
freios ideais para ribanceiras cariocas,
a trava é epilética de goiabeiras laxantes
para dia sim e dia não,
os espelhos são fumês, só se ver de dentro pra fora,
de fora pra dentro, fica tudo obscuro,
a tração é de atração criacionista,
as setas só piscam no sentido américa do norte,
a economia de combustível serve pra matar índios,
queimar matas e exterminar bichos,
o teto é conversível para o céu ou para o inferno,
os cintos de segurança são propícios para impactos militares,
a mala é extensa para pastores “malas”,
o airbag é um murro certo e forte
na boca do estômago de carnívoros,
o som alcança infinitos decibéis-ustras, estoura até tímpanos,
compre o novo golWerme
e chegue no mundo moderno com muitos problemas mecânicos.

aqui na terrinha destrambelhada

ministro de educação é mal educado,
secretário de cultura é nazista,
ministro de meio ambiente é réu,
presidente fala mal de índio, homossexual, negro, mulher,
ministro da economia não poupa
e tacha funcionário público de parasita,
na terrinha destrambelhada, o poder destrambelhou-se.

as 2 civilizações perdidas

escrevem 4 horas, são aprovados,
falam 50 minutos, são reprovados,
entre a escrita e a voz,
há performances
dos “desaprendizes” de tudo que aprenderam,
seguem
desseguindo tudo,
desaprendendo tudo,
os “desaprendizes” de tudo que aprenderam
estão invadindo a cidade.

a oração da desilusão: a via do cruzamento

o cristão é arrogante,
o cristão é mesquinho,
o cristão é invejoso,
o cristão é individualista,
o cristão é violento,

o cristão é hipócrita,
o cristão é pretensioso,
o cristão é cego,
o cristão é mudo,
o cristão é surdo,
o cristão é insensível,
o cristão é egoísta,
o cristão é leigo,
o cristão é vaidoso,
o cristão é anti-cristo,
o cristão olha para o cristinho
como um insignificante
e o cristinho, criança assustada e pura,
foge do cristão grandão e maldoso
que quer invadir seu paraíso infantil.

cada um

cada um de nós
é um jardim para ser cuidado,
cada um de nós é um cuidador de jardim
para cuidar de flores e espinhos...

a justiça será feita

de carne e osso,
de sangue e suor,
de amor e honra,
de verdades e certezas,
de provas e testemunhos,

a justiça será feita
quando for justa consigo.

a sala dos sonhos

não dormia cedo,
não ficava na cama,
queria ficar na sala
ao lado do mundo
que estava só e cheio de vida.

a viagem está ficando pronta

já guardei os cabelos bem pretinhos,
já guardei o corpo esbelto ou rombudo,
já guardei a franja que cobria olhos e nariz,
já guardei a pele lisinha sem rugas,
já guardei a virilidade mais que viril,
já guardei minha mãe lá na terra,
já guardei meu pai lá na terra,
já guardei num copo, a pouca idade,
já guardei os palavreados em demasia,
já guardei a paixão num cantinho qualquer,
já guardei o beijo ardente nos cantos dos lábios,
já guardei a sede e o apetite vorazes,
já guardei o sono num abandono qualquer,
já guardei a gana debaixo da cama vazia,
já guardei quase tudo na mala da viagem eterna,
mas o amor ainda está fora pulsando ardentemente.

anomalias modernas

tá na hora de dormir
e guardar as bonequinhas,
retirar vestido, maquiagem e calçados de mamãe,
tá na hora de dormir,
de guardar a bola de baele, de
de recolher a barra-bandeira,
tá na hora de dormir,
de retirar bigode
e cortar cabelos,
de descalçar passos de sapatos
e de desvestir calças de papai,
tá na hora de dormir,
abandonar a brincadeira de médico,
abominar a brincadeira de polícia e bandido,
tá na hora de dormir,
pra entrar na ciranda do medo
e rever brincadeiras de casinhas
que adornam o mundo no dia a dia,
tá na hora de dormir,
fechar a casinha,
de vomitar comidinha
e comer manjar divino,
tá na hora de dormir
pra evitar pesadelos horríveis
e acordar mais humano
e mais cheio de vida.

tudo pode acabar

o mundo pode,
de repente,
não matar mais,
não roubar mais,
não estuprar mais,
não cometer crimes
até nunca mais precisar de segurança pública,
o mundo pode,
de repente,
nunca mais adoecer
por se alimentar bem,
por se exercitar melhor,
por amar e ter salário bom
até nunca mais precisar de ministro de saúde,
o mundo pode,
de repente,
nunca mais cambaleiar de ignorância,
mas nunca será mundo sem a presença do professor.

mãe-pai-nutella

se a criança chora, dão celular,
se a criança sorrir, dão celular,
se a criança pede carinho, dão celular,
se a criança pede comida, dão celular,
se a criança pede pra dormir, dão celular,
se a criança pede abraços, dão celular,
se a criança pede socorro, dão celular

e na velocidade da ausência de tudo neste novo tempo
dizem que a criança cresceu rápido demais.

beleza é outra coisa

a perna é bonita e bem delineada,
mas os passos são deselegantes,
a boca é sensual,
mas as besteiras ditas, não,
os cabelos são belos,
mas os giros e gestos dos balanceios não,
os dentes são brilhantes,
mas obscuros nas silabações,
a beleza anda de vento em popa
arrastando multidões e beijando bocas.

o sol a sol da mulher e do homem do sol

mais um por do sol
e o homem do sol, só
e a mulher do sol, só,
ambos, cara a cara, sol a sol, só,
solitários em salários,
em gozos,
em sonos,
em sonhos,
mais um nascer do sol
e a mulher do sol, só
e o homem do sol, só,
o sol vem e vai sol, só,

o homem bom ou mau, vai só,
a mulher, boa ou má, vai só,
ambos poderosos, sol a sol, mas só.

o SUSTo do público

o SUSTo do público será grande
quando o asSUSStado público pagar caro
ao grupo privado que assumir
a saúde pública do público asSUSStado.

a toga do mal culposo em dois fatos

a virgem sedada e estuprada
implorou respeito ao “excelentíssimo” juiz,
ao bacharel,
ao promotor,
ao estuprador
e depois chorou desconsoladamente pelo crime culposo,
uma hilux prata era dirigida por um empresário ambicioso
que arrastou por quilômetros um homem vivo em carne viva pulsante
até o ápice da dor,
o homem vivo em carne viva pulsante
implorou perdão ao louco empresário,
implorou socorro ao indiferente vigia,
implorou justiça à justiça injusta,
uma virgem e um mendigo
foram vítimas apenas da maldade “culposa” do Brasil de hoje.



de anjo a demônio

se um dia desses
me encontrares por ai
desmascarado
com riso inútil na cara,
foge, sou teu algoz,
minhas mãos indignadas
vão policiar
teu pão já boicotado.

a via dos estúpidos

tem vias
que tem gente estúpida
que não respeita quem já morreu,
rodas imundas,
rodas pedantes,
rodas medíocres,
rodas em vãos,
vamos interditar com rodas
a via dos estúpidos.

testamento

se um dia chegar a ser justiça
todos os meus direitos roubados,
tomados por assalto
por ladrões e por gente de bem,
boicotados por bodes expirados,

barrados por bancas com bancos podres
de vaidades nacionais,
que tudo seja restituído a filhos, netos
e amigos que ouviram o que um dia contei.

a briga do sim com o não

o sim fez um risco no oco do mundo
e desafiou o não a pisoteá-lo ininterruptamente,
o não colocou a mão entre os dois
e desafiou o sim,
o não se armou e fingiu correr para o sim,
o sim se esquivou e encenou um golpe no não,
o não atacou o sim,
o sim deu um bote no não,
o não olhou para o sim,
o sim fitou o não,
sim?
não?
ambos pararam
e se encararam,
não havia gente dizendo sim,
nem dizendo não,
o sim e o não caíram no riso
se levantaram
e saíram de mãos dadas, ombro a ombro,
à procura de gente.

ninguém é livre preso a tantos “ninguéns”

ninguém é livre por ser apenas “livre”,
ninguém é livre por apenas “desamarrar” as “amarras”,
ninguém é livre por saber apenas “conviver”,
ninguém é livre sendo apenas “individual”,
ninguém é livre por amar apenas a “si” mesmo ou a outrem,
ninguém é livre sendo apenas “coletivo” distribuindo-se a “todos”,
ninguém é livre sem “respeitar” apenas diferenças,
ninguém é livre por “respeitar” apenas divergências,
ninguém é livre neste mundo preso a tantos “ninguéns”.

Sobre o autor

Antonio de Brito Freire, é de letras, é graduado, especialista, mestre e doutor. Foi professor da UEPB como substituto e visitante, foi professor pesquisador da UAB-EAD-UEPB-CAPES, foi corretor e supervisor auxiliar do ENEM, foi Coordenador-adjunto do TAO - Trabalho Acadêmico Orientado - do Departamento de Letras DA UEPB, foi tutor da EAD-UEPB. Foi Coordenador da área de Linguagem do Curso de Formação Continuada de professores do Estado da Paraíba “Educação, Cidadania e Cultura” promovido pela UEPB no polo da UEPB - Guarabira-PB. Atualmente é editor-corretor-normatizador-parecerista da Editora da Universidade Estadual da Paraíba-EDUEPB.



Além de prefaciар algumas obras e orientar inúmeros trabalhos acadêmicos, também publicou os livros artesanais: “Transarte” e “Lendas e atitudes de poeta” publicado na 46ª SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência na PUC - São Paulo, publicou o livro “Infitada” em parceria com um renomado professor-doutor-poeta-cientista.

Publicou os livros: “Literatura Brasileira III” custeado pelo MEC-CAPES-DF e “A escrita da voz e do nome: Sócrates e Meleto na Apologia de Platão”.

Recentemente publicou o livro “Póetica da Incorrespondência: No reino das palavras...,” indicado, em 2023, para concorrer aos prêmios “JABUTI” e “ABEU”.

Capa e projeto gráfico: Arão de Azevêdo Souza

Ilustrações: Antônio de Brito Freire

Formato: 15 x 21 cm

Finalizado em agosto de 2024 ao som de Ira! Envelheço na Cidade

Em *Versos de Impulso e Epulso*, há a revelação de um corpo ora móvel, ora inerte de versos-dispersos entre si que se desencontram e que suam duro para fazer soar significâncias úteis e que por isto podem dilacerar-se em versos de impulso, em abundância, sem planejamento. Se ruins ou bons, não importa, são versos e versos vivem por si sós mesmo que combinem com seus pares para se constituir enquanto poesia ou enquanto poema.

